

LIBER  
PARA F  
TO. A  
SUJEITAS A  
REPRESENTANTE NO R. G. SUL

DIVISÃO DE CENSURA DE  
EXERCÍCIOS PÚBLICOS - DPF  
CTF. Nº 2301

25

REPRESENTANTE NO R. G. SUL

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

" OS CONVALECENTES "

José Vicente de Paula

PRIMEIRA CENA

Sinais de uma guerra exterior, sirenes, tiros, bombas, em seguida gemidos orgamásticos, crescentes e que não conseguem atingir o próprio orgasmo. Quando o quarto de dormir de Juan e Nina se acende, há um clima patente de frustração e degradação de uma relação amorosa chegada a seu exterior.

NINA- (Envolvida nos lençóis, na cama) Por que?

JUAN- Não sei...

NINA- Você disse que queria.

JUAN- Não sei o que está acontecendo... acho que é preocupação, não sei.

NINA- Mas você disse que queria:

JUAN- Isso acontece com qualquer casal.

NINA- Mas não uma vez atrás da outra assim:  
 (Pausa, Juan vai até ela, na cama)

NINA- (Se afastando dele) Deixa...  
 (Pausa, ele volta a ficar de pé, caminha até um canto do proscênio)

JUAN- Tudo está desmoronando. Cada dia mais um pouco. Cada dia um cadáver num lugar diferente. Dentro de mim, fora de mim, na cidade inteira. Tudo está indo embora, cada dia que passa. (Silêncio, ela se ergue da cama, envolvida nos lençóis)

JUAN- (Voltando-se para ela) Você tem que me perdoar, Nina. A culpa não é minha.

NINA- Me passa minha roupa.

JUAN- Eu estou querendo salvar a nossa... relação.

NINA- Pra que? Vai, me passa minha roupa.  
 (Eles se entreolham em silêncio. Depois ele cata as roupas dela no chão)

JUAN- (Com as roupas dela na mão) Eu só queria te dizer mais uma coisa então. (Pausa)  
 É que você está jogando fora toda uma esperança, que nós vivemos juntos e que ninguém pode ensinar pra ninguém:

- JUAN- Isso você não leva em conta mais?
- NINA- Que diferença pode fazer:
- JUAN- Tá bom, você prefere a intolerância, então vamos.  
(Nina se desfaz dos lençóis, envolvendo-se com as roupas sem vesti-las. Silêncio. Ela se recosta na parede, de costas para Juan)
- NINA- Que nojo:
- JUAN- São seis anos, não se esqueça.
- NINA- Que fosse uma eternidade inteira- eu estou sentindo nojo do mesmo jeito.
- JUAN- E você pensa que eu estou querendo tirar de letra?  
(Ela caminha para o proscênio)
- JUAN- (Adiantando-se) Eu... Não sei, eu pensei que hoje a gente ia conseguir...
- NINA- Pensar que... Eu bem que podia ter me inventado de outro jeito... Podia pelo menos ter sido mãe. Pelo menos isso..
- JUAN- Não sei porque não quis. Chance é que não faltou.  
(Juan abraça-a por trás) Nina, meu amor...
- NINA- (Desvencilhando-se dele) O que vai sobrar disso?
- JUAN- Sobrou você, sobrou eu.
- NINA- (Gritando) Não sobrou nada!  
(Ela ocupa o mesmo lugar que Juan havia ocupado no proscênio)
- NINA- Que que eu tenho para fazer? Eu vou fazer o que? Pagar em armas? Como? De que jeito? Pra salvar o que? Inven \_  
tar um ideal? Que ideal? Ensinar pros outros? Ensinar o  
que? Me suicidar em nome do que e pra provar o que? Ir -  
pra onde? Começar onde e de que jeito? Gritar contra o -  
que? Eu como, eu visto, eu durmo, eu respiro. O mundo -  
constituído é o meu mundo e é o povo que mata o próprio -  
povo pra defender isso, isso que me rodeia e que te ro -  
deia de todos os lados, e que eu estou querendo jogar fo -  
ra, em algum lugar, porque eu já não consigo suportar -  
mais esse cheiro estragado. Eu pergunto: que é que eu te  
nho pra fazer? Eu vou fazer o que? Eu vou começar de al -  
gum jeito, onde e como?
- JUAN- Você tá melodramatizando à toa. Não é tão grave assim.

- NINA- É, meu querido. Não adianta tapear mais.
- JUAN- Só porque não conseguimos?
- NINA- Se fosse a primeira vez, vá lá. Mas não adianta, Juan. Nós dois vivemos como dois espíritos em cima dessa cama e isso chega uma hora que não se aguenta mais. É na cama que o negócio se resolve: não tem por onde sair. Nós não somos privilegiados. A verdade é uma só: cada dia é um de nós dois que brocha. Hoje estourou e eu estou admitindo. Eu resolvi admitir de uma vez por todas.
- JUAN- E onde é que você quer chegar?
- NINA- No nada.
- JUAN- Então chegamos lá.
- NINA- Pois é. Você e eu chegamos lá.
- JUAN- E depois que a gente chega lá? Em termos práticos, eu quero dizer. O que que acontece?
- NINA- (Cáustica) Adota-se, inventa-se. Tem a cultura, tem arte. Você pode escolher.
- JUAN- García.
- NINA- Se Deus ajudar, será um Proust.
- JUAN- Não vai me dizer que botamos essa marginal dentro de casa para tapar buraco.
- NINA- Casais estéreis adotam, será que você não sabe disso?
- JUAN- Ele tava jogando fora.
- NINA- Por isso mesmo. Somos generosos.
- JUAN- Pois amanhã eu jogo fora de novo. Não quero quebra-galho aqui dentro.
- NINA- Bem educado por nós, pode até ser um gênio.
- JUAN- Gênio de que?
- NINA- Sei lá, a gente descobre, pagando analista pra ele.
- JUAN- Maravilhoso. Só que tem um detalhe: o nosso gênio sai toda noite e volta com o sol nascendo.
- NINA- Tá recolhendo informações pra poder escrever.
- JUAN- Onde? Na zona? Adotamos pra que? Pra construir doença venérea? Ou pra quebrar o nosso galho? Então tem que ficar aqui. Toda noite. Disponível. E tem mais: se arrumar em prego. No fim do mês tem que ajudar nas despesas. Condição sine qua non. Já arrumou emprego? Não. Então rua:

Teatro de Arena  
Av. Borges de Meloiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 00020-025

NINA- Estamos pendurados mesmo. Uma boca a mais, uma boca a me\_ nos, tanto faz.

JUAN- Se ajudar nas despesas.

NINA- Passou a época que você escolhia quem entrava e quem fica\_ va aqui. O nosso santuáriozinho particular já tá mais do que profanado. Já estamos em plena liquidação. Além do mais é cria tua.

JUAN- Pois é. Eu crio, eu jogo fora.

NINA- E eu vou lá e cato de novo.

JUAN- Por que que você não vai lá agora, pula no canto da cama e trepa com ele?

NINA- Vou esperar você dormir.

JUAN- O chique hoje em dia é trair na cara do marido. É muito mais moderno.

NINA- Não gosto de novelas modernas.

JUAN- Pois é muito mais exciting. Pelo menos é o que dizem.

NINA- Cada um tem gênio diferente. Eu sou clássica.

JUAN- Clássica não: acadêmica.

NINA- Tuas distinções convencem os teus alunos deslumbrescas de filosofia.

JUAN- Foi fazendo as minhas distinções que você entrou na minha.

NINA- Penã eu não ter descoberto a tempo que você é um sofista. E um sofista menor. Distinguindo: existem os sofistas maio res e os sofistas menores. Você faz parte dos últimos.

JUAN- Quem te viu e quem te vê. Quando eu te conheci, você era a pessoa certa para dirigir um Suplemento Feminino é fa lar de modas.

NINA- Ainda bem que eu agarrei no teu pé a tempo. Se alguém dis ser que eu sou burra, por tabela estão te chamando de bur ro também. Você não vive dizendo que eu sou cria tua?

JUAN- Distinguindo: existem as crias maiores e as crias menores. E você faz parte da últimas.

NINA- Quantos MORRERAM HOJE?

JUAN- Não sei...

NINA- E presos?

- JUAN- Não sei...
- NINA- Precisamos queimar o resto dos livros que a gente tem aqui e os panfletos.
- JUAN- É, precisamos.
- NINA- Por medida de segurança só.
- JUAN- Daqui a pouco vão chamar a gente pra prestar declarações de novo.
- NINA- O que eles querem é o nosso dinheiro, não as nossas declarações.
- JUAN- Você é que pensa.
- NINA- Não temos nada que ver com as coisas.
- JUAN- Deixa de ser idiota: numa guerra como essa, qualquer sujeito com antecedentes conta na jogada.
- NINA- Que antecedentes? Todo mundo tá cansado de saber que você é o último habitante desta cidade a levantar um dedo contra uma pulga da polícia.
- JUAN- Não sou nenhum Regis Debray: que que você queria que eu fizesse? Que eu me jogasse na frente dos fuzis e deles?
- NINA- Até que não seria má idéia.
- JUAN- Pode esperar.
- NINA- Seria a saída limpa. Afinal de contas, se eles estão afóra, botando pra quebrar, é porque gente como você ensinou isso pra eles.
- JUAN- Isso não, faça-me o favor.
- NINA- Não adianta tirar o corpo fora. Ensinou sim. Você quer provas, quer? Eu te mostro já. Por escrito. Coisas que você escreveu.
- JUAN- Quero, quero ver. Me traz.
- NINA- É prá já.  
 (Ela vai sair, Juan a detém)
- JUAN- Deixa de ser imbecil: não estamos brincando de casinha. Aqui não tem nenhuma criança. (Nina volta, vitoriosa)
- NINA- Pois é. Naquela época eu me lembro até que você escreveu uma carta para um dos teus amigos que estava em Londres, dizendo pra ele voltar depressa, porque vocês estavam no poder.
- JUAN- Não vejo onde tá a graça nisso.

NINA- Eu acho muito engraçado.

JUAN- São filhos de família... Estudantezinhos bêbados de herois mo e com COCEIRAS DE REVOLUCIONÁRIOS...

NINA- (Irônica) Geração quarenta e cinco...

NINA- O máximo que vocês conseguiram, em matéria de evolução, - foi pronunciar a palavra "bixa". Nesse ritmo, daqui mais uma geração, vocês vão fazer complô com a alta-costura.

JUAN- Você deu pra ficar ruminando, é.

NINA- Quem tá ruminando é você. É isso: você, aqui dentro, rumi na, achando que tá salvando a pátria.

JUAN- Porque que vocês não caem na deles. Já? Agora?

NINA- Eu afroxei com vocês na hora: junto com vocês.

JUAN- Parece até, que temos uma Joana D'arc dentro dessa casa:

NINA- Eu não conto na jogada.

JUAN- Você - Quem é que foi Gogo-Girl Inflamada das musiquinhas crefinas dos teatros, dos bares e por aí tudo, até na te\_ levisão.

NINA- Musiquinhas que você e os seus amigos intelectuais, até - os mais ortodoxos, cantaram em coro, durante muito tempo, com faixas na mão, e pensando que tavam botando o povo no poder. O mesmo povo que ficava olhando assustado na rua, - sem entender nada: Vocês desceram a favela imaginária de vocês pra rua, pensando que a favela queria alguma coisa a mais, além de disputar prêmio no desfile de carnaval. - Pobreza: Bixa-Bixa - como são atrevidos - como são insu\_ bordinados: Calaram as musiquinhas de vocês e vocês gri\_ tam: Bixa-Bixa!

JUAN- Você é sempre "Hors Concours".

NINA- Vocês me desprezavam porque eu tinha dinheiro: Quer dizer, na condição de que esse mesmo maldito e pernicioso metal não sumisse de repente... Eu chegava quase a chorar de - tristeza por não ter nascido uma probretana, filha de pro\_ leta: naquela época, a minha maior vergonha era ter nasci\_ do rica, por incrível que pareça.

JUAN- Pra você é fácil tirar de letra, minha querida. Principal\_ mente hoje. Mas a tua classe não tem saída, lembre-se dis\_ so. É histórico.

NINA- Ih: Vai começar tudo de novo? Essa lenga-lenga não conven\_ ce mais ninguém.

- JUAN- O que você fez de útil até hoje? (Levanta-se agora feroz e anda em volta dela) Nada.
- NINA- O que que você vai fazer de útil pro futuro?
- JUAN- Nada; você sabe disso melhor do que eu. Sabe ou não sabe? Teus poeminhas inteligentes demais e vanguardistas demais, interessam pra meia duzia de merdinhas ai, que até dá pra defecar, defecam sem convicção. Você nasceu do lado deles e se não tá lá agora, botando lenha no fogo deles, é por que você sabe que - custe o tempo que custar - o povo vai apagar o fogo de vocês. FUUUUUUUUUUUUUUUUU.
- NINA- O meu consolo é que você vai junto nessa cinza.
- JUAN- Eu? Coitado de mim. Não tenho nem onde cair morto.
- NINA- Olha de lado, olha. Você ficou cego?
- JUAN- Eu não tenho origem e você sabe muito bem disso. Quer queiram, quer não, eu estou na linha do povo.
- NINA- Eis aqui um filho legítimo do povo: só em uisque escocês gasta 4 milhões por mês.
- JUAN- (Abre os bolsos pra provar que está duro) Minha mãe não sabe falar, meu pai não sabe falar, meus irmãos não sabem falar. Eles são povo: não sabem nem assinar o próprio nome. Eu nasci no meio deles e estou na linha deles. E vamos trucidar a tua raça até o osso. Assim... oh! Como quem devora um frango bem assado. Sem compaixão.
- NINA- Pois é. Nasceu no meio deles e depois deu um chute bem grande na bunda de cada um, pra não te envergonhares na frente dos teus amigos só porque não sabiam nem o que era a Revolução.
- NINA- O que que você pediu sempre da vida? Casa, vaidade, notícia em jornal, bom gosto, viagens pro exterior, aplausos, nota em coluna social e a gratificação da futilidade: Você entrou de braço dado pro mundo alcoolizado das belas idéias, pisando tranquilamente por cima dos cadáveres do teu povo - e eu dei o meu braço pra você! Eu, a burguesia deslumbrada elegante e assassina. Isso tudo fez parte do meu dever. Acho que cumri religiosamente o meu papel - nessa comédia! A festa acabou e acabou em tempo. Você está nu e brocha, como eu estou nua e brocha. Agora é tempo de vestir as roupas verdadeiras e dessa vez... dessa vez você vai vestir as tuas sozinhas!



(Os ruídos da guerra crescem sobre eles. Os dois se detêm no proscênio, como duas figuras desgastadas. Pausa. Nina olha pra' ele agora quase com ternura, depois, com esforço, aproxima-se e toca os cabelos dele. Corte.)

‡

SEGUNDA CENA

Garcia e Mariana estão numa dessas ruas em demolição. Garcia está bem vestido. Mariana usa um conjuntinho pobre e tem uma valise de lado, um cobertor e uns jornais. Ao acender a luz sobre eles, Garcia está com um revólver na mão, apontando para os lados.

GARCIA- E se você arrumasse um emprego?

MARIANA- De que jeito.

GARCIA- Provisório. Num escritório. Só até você melhorar.

MARIANA- De jeito nenhum. Voltar atrás. Saí de uma vez por todas! Quando me mandaram embora, aí na última firma que eu trabalhei, decidi que ia ser pra sempre. Passo fome, mas voltar com recortezinhos de jornais na mão, implorando, fazendo testeinhos, me submetendo pra esses cretinos, isso de jeito nenhum.

GARCIA- Então como é que faz?

MARIANA- Vou esperar.

GARCIA- Esperar aqui, olha como tem ratos. Olha só.

MARIANA- Perdi o medo de rato.

GARCIA- Transmitem doença.

MARIANA- Se fosse verdade, a população inteira já tinha morrido.

GARCIA- E na casa da tua mãe? Não dá pra você ficar lá, pelo menos por enquanto.

MARIANA- Você ficou louco? Minha mãe me detesta! Quer ver o diabo na frente, mas não quer me ver.

GARCIA- Você falou que tem um irmão.

MARIANA- Casou e tá morando lá. Não tem onde cair morto. E meu pai, coitado, se vira de noite com o taxi pra sustentar todo mundo. Quando eu ajudava eles, tava tudo ótimo. Agora, se eu voltar lá, são bem capazes de chamar a polícia e entregar. A última vez que eu dormi lá, dormi no sofá da sala, sem lençol, sem nada.

- MARIANA- Minha mãe me deu um prazo: "Se você não levantar e ir embora até às sete, eu chamo a polícia". Tive que despedir da minha filha escondida.
- GARCIA- A tua filha sabe o que que você faz?
- MARIANA- Minha mãe botou na cabeça dela que eu não presto, que ela não deve falar contigo. Quando eu me despedi dela, na cama, ela me abraçou, com medo, quase chorando e pediu que ficasse... (Ela se apóia em um muro, segurando o ombro)
- GARCIA- (Ajudando-a) Tá doendo?
- MARIANA- Passou um pouco mas incomoda.
- GARCIA- Quer mais um sanduiche?
- MARIANA- Não precisa.
- GARCIA- (Tirando umas notas do bolso) Eu peguei na bolsa da Nina.
- MARIANA- Não vão desconfiar?
- GARCIA- Vão pensar que é a empregada.
- MARIANA- Têm muito dinheiro?
- GARCIA- Vivem dizendo que estão. Mas ela é de família podre de rica aí, com Indústria. O Professor era um pé de chinelo que se aguentou nas costas da mulher e ganhou algum dinheiro com aulas, com livros, jornais e prestígio que teve. Agora tá na beira da falência. Não pode escrever o que pensa mais e recebeu as contas na Universidade. Eu dei um toque na Nina. Vou ver se até amanhã consigo botar lá dentro.
- MARIANA- Meu marido saindo do hospital na sexta-feira de tarde se tudo correr bem, até no sábado a gente parte pra outra.
- GARCIA- E de que jeito você vai tirar ele de lá?
- MARIANA- Não sei.
- GARCIA- Tá muito ferido.
- MARIANA- Não conseguiram provar nada nem vão conseguir mais. Passou por estudante baderneiro e ficou nisso. Claro, soltaram para seguir não são bestas. (Pausa) Ele é contato. Eu me encontrando com ele tá tudo resolvido.
- GARCIA- Cuspiu o teu nome?
- MARIANA- Fajuto.
- GARCIA- Mas deve ter dado a tua ficha completa.
- MARIANA- Com cabelo pintado de óculos não vão me reconhecer. Você acha que eu estou muito diferente?

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

GARCIA- Um pouco.

MARIANA- E me chama de Mariana, agora pra frente.

GARCIA- (Se levantando assustado) Quem é?

MARIANA- Um caminhão de lixo.

GARCIA- Qualquer barulho mais esquisito a gente já pensa que estão chegando... Como é que fica esta noite?

MARIANA- Tenho esse cobertor e uns jornais.

GARCIA- Amanhã eu vou, se resolvemos.

MARIANA- Vai embora, senão pode dar problema lá com eles.

GARCIA- São meus amigos desde o tempo da escola. Ele foi meu professor, ela eu namorei. Uma época a gente até planejou ter um filho. Daí como sempre, na hora H, o negócio não levantou.

MARIANA- Essa roupa que você tá é de quem?

GARCIA- Metade dele e metade dela.

MARIANA- Quem te viu, quem te vê...

GARCIA- Com paginação 70, minha cota na bolsa aumenta.

MARIANA- Vai por mim. Amanhã te botam na rua e daí eu quero ver com que cara você vai ficar.

GARCIA- Me viro. Vou escrever para teatro, em última análise. Ou livrinhos de sacanagens. (Assustado) Olha o rato! (Ela se abraça a ele, assustada) Você falou que não tinha medo...

MARIANA- Foi você que me assustou.

GARCIA- Não daria pra ficar num hotelzinho aí, pelo menos essa noite?

MARIANA- É perigoso.

GARCIA- Mas ficar aqui? No meio desse lixo todo?  
(Sinais de Guerra)

MARIANA- Vai embora, senão ainda te pegam também.

GARCIA- Não quer que eu fique com você até você dormir.

MARIANA- Não precisa.

GARCIA- Eu fico. Deita.

MARIANA- Pode ir, eu não tenho medo não.

GARCIA- Eu espero. Deita. (Ela se deita)

- MARIANA- Ainda bem que não tá chovendo nem fazendo frio. (Ele fica olhando ela debaixo do cobertor, com ternura)
- GARCIA- Você tá bem.
- MARIANA- Senta aqui perto de mim.  
(Ele senta junto dela. Pausa.)
- MARIANA- Lembra quando a gente saía de noite pra encher a cara?
- GARCIA- Não tem mais ninguém na rua, dos conhecidos nossos. Só uns inveterados, repetindo as mesmas coisas e os mesmos porres. O resto se mandou. Eu tenho um fumo aqui, você quer?
- MARIANA- Não, não quero mais.  
(Pausa. Ele se levanta)
- MARIANA- Você tem sido muito positivo, Garcia.
- GARCIA- Eu tenho que te dizer uma coisa. (Pausa) Eu só entrei - nessa por tua causa. Meu negócio é outro.
- MARIANA- Não tem outra saída. Você pode não acreditar, mas não tem outro jeito.
- GARCIA- O dia que você sumir, pra mim acabou.
- MARIANA- Do jeito que as coisas estão, era só isso mesmo que a gente podia fazer...
- MARIANA- Eu não sou poeta, eu não sou artista. Depois que eu resolvi me agarrar de novo na vida, a porta que sobrou foi esta. É como a gente está, não tem outra saída. Você pode me dizer que outra saída tem?
- (Mariana se vira para um canto e se cobre toda. Pausa. Garcia se ergue. Devagar, abre cuidadosamente a valise dela e retira o revólver, depois aponta o revólver em direção a cidade, e, em seguida mira sobre ela como se realmente fosse atirar. Mira durante algum tempo, até que uma sirene irrompe de repente. Ele assustado guarda apressadamente o revólver na valise. Olha mais uma vez para Mariana e sai correndo, corte)

CORTE

TERCEIRA CENA

Nina e Juan estão na cama, um de cada lado. Juan escreve os papéis que estão na pasta, Nina se prepara para dormir enrolando bobs, fazendo unhas, etc. Silêncio. Depois de algum tempo ele se detém, de repente.

WINA- Hoje eu assisti uma negra epilótica morrendo na rua, aqui perto de casa. Ela estrebuchou, babou, se contorceu toda, sozinha, em cima de calçada, toda inchada, debaixo de um sol de uns quarenta graus. (Juan olha assustado para ela) Parei o carro e fiquei assistindo, por trás do vidro. - (Pausa) (Como ela volta a fazer as unhas, ele volta a escrever) (Insiste) Tinha alguns curiosos, no começo. Depois foi chegando gente, a roda foi crescendo, até que no final, quando ela já tava pra morrer, mal dava pra ver direito.

JUAN- ALGUÉM TOMOU PROVIDÊNCIAS?

WINA- Não. Ninguém fez nada. Ficamos lá assistindo. (Ele para de escrever e resolve se interessar pela história dela)

JUAN- E aí?

WINA- Ficamos lá.

JUAN- E o que aconteceu?

WINA- A negra morreu.

JUAN- E você.

WINA- Eu liguei o carro e voltei para cá.

JUAN- Deixaram a negra lá na rua, morrendo sozinha?

WINA- Sabe como são essas coisas. Alguém deve ter telefonado de algum apartamento aí por cima. De repente apareceu uma ambulância, também não sei se onde, e levou o corpo. (Pausa. Ela guarda suas coisas e se enfia debaixo do lençol)

WINA- Eu vou dormir.

JUAN- Você me conta uma estorinha linda desse jeito e se vira - pro canto e dorme.

WINA- São quatro horas da manhã.

JUAN- Eu quero saber mais sobre a negra.

WINA- Não tem mais nada. Nem sei o nome dela. Foi uma negra epilótica, inchada, horrível, descalça, com um resto de pão seco numa trouxinha. Uma negra que morreu, aí na rua. Agora toma o teu mandrix e vê se se apaga logo.

JUAN- Vou ficar escrevendo até o Garcia chegar.

WINA- Deixa o menino respirar.

CORTE

JUAN-

Hoje vou ficar de plantão!.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

NINA-

Criancice.

JUAN-

Eu quero uma explicação: se veio morar aqui, foi para con-  
viver. Não tinha onde cair morto! Estamos dando tudo pra  
ele, será que não pode dar uma colher de chá pra gente? (

(Nina pega o comprimido e um copo de cerveja)

NINA-

Vou te prevenir. É o último. Se você não vai tomar, eu to  
mo. Estou exausto. Ai você que se vi~~re~~, porque não tem -  
mais.

CORTE

JUAN-

Não durmo enquanto não acertar com esse cara. Pagar analis  
ta é que eu não vou. Hoje eu tiro meu atrazo de um jeito  
ou de outro.

NINA-

Vai tomar ou não vai?

CORTE

JUAN-

Dependendo do papo que eu tiver com ele, mando embora na -  
hora?

NINA-

Por mim ele pode se estrepar por ai que estou me lixando.

JUAN-

Enquanto estiver hospedado aqui não! Em que cidade ele pen  
sa que está vivendo? - Se cai na mão da polícia, já viu. -  
Não tem nem documento. Lá vamos nós prestar declarações, e  
procurar advogado, mobilizar conhecidos.

NINA-

Pra sair no fim com a barra como sempre.

JUAN-

Escuta: que bicho te mordeu?

NINA-

É o último, tá vendo aqui? Não vai depois fazer escândalo.

CORTE

JUAN-

Você pode me dizer que bicho te mordeu?

NINA-

Não sei, mas tinha uma verdade inteira naquela negra epilé  
tica, morrendo, sozinha na rua... Uma verdade inteira e -  
terrível. Tinha qualquer coisa dentro dela, junto com a -  
morta, que nem você, nem eu, nem ninguém podia ter, numa si  
tuaçãõ parecida. Um espetáculo de desamparo total.

JUAN-

Você vai querer se converter ao catolicismo só porque viu  
uma negra suja morrendo na rua?

NINA-

Uma negra suja. Suja é a palavra certa. Uma cadela. Um rato  
estrebujando, que nem consegue se arrastar mais. Uma coisa  
sem importância nenhuma. Um rebotalho. Não tem nada que va  
com a espécie humana que a gente tá habituado ver todo o -  
dia. Eu não senti nada, entende? Nada: Nenhum pouco de com  
paixão, de piedade ou coisa parecida? Entre a negra suja -  
morrendo sozinha na calçada e eu dentro do carro, tinha o

NINA- vidro e tinha o motor ligado. Só isso. Não estou pedindo desculpa nenhuma. Eu não tinha nada ver com ela. Ela ta\_ va lá, na rua e eu tava do lado de cá por traz do vidro. Como você. Como todo mundo.

JUAN- Fale por você só.

NINA- Nós.

JUAN- Não nasci onde você nasceu.

NINA- Que diferença faz ainda? Nasceu lá, onde a negra, epiléti\_ ca morreu, e se virou como um doido até chegar aqui: atrás do vidro.

JUAN- Eu venci por conta própria.

NINA- Não vem dizer isso pra mim.

JUAN- Não precisa ficar agressiva.

NINA- Quem é que tá agressiva?

JUAN- Também não vamos viver aqui dentro como gato e rato, vin\_ te e quatro horas por dia.

NINA- Eu só estou dizendo o que todo mundo esconde, que quando a gente diz que tem um ideal, que é limpo: não a negra - propriamente dita, que é suja, morrendo sozinha e sem im\_ portância nenhuma, na rua, inchada e jogada fora. Eu deci\_ di que eu não amo a negra suja mais. Que eu nunca amei, - que eu nunca vou conseguir amar e que eu não vou continuar mentindo pra ninguém que eu amo.

JUAN- Gostei da retórica. Taf. Gostei. Prêmio Nobel da Paz.

NINA- Só que pra provar pra mim mesma que eu decidi, eu resolvi um negócio hoje, sem te consultar.

JUAN- Resolveu o que?

NINA- Amanhã vem uma nova hóspede pra cá. Uma militante. Garcia me pediu, eu concordei. A polícia tá atrás dela, tá machu\_ cada, o marido tá num hospital se recuperando. Nem sei - quem é, precisa dum lugar pra ficar. Vai ficar aqui.

JUAN- Você sabe o que está fazendo?

NINA- Sei.

JUAN- Isso é provocação para mim.

NINA- O que eu posso ganhar te provocando?

JUAN- Você está querendo provar o que?

- NINA- Nada eu... Eu não quero mais o vidro. Agora eu quero que\_  
 brar o vidro, porque o vidro é antissético, e porque o vi\_  
 dro foi uma coisa que ainda sobrou. Eu quero ver no que -  
 vai dar. (Ele tenta ser razoável)
- JUAN- Olha, meu amor, vamos falar em termos políticos...
- NINA- Sem termo político: não me interessam mais! As custas des\_  
 tes termos políticos vocês já perderam todas as paradas e  
 continuam por cima, na base da conchavação e do dolar que  
 sempre acaba chegando e livrando a barra de vocês. Só es\_  
 tá tentando fazer hoje o que os teus amigos já fizeram: -  
 um levantamento dos pais e dar de presente pra eles, em -  
 troca de prestígio e posição na vida. Sem termos políticos  
 Termos políticos significa money, meu querido. Dessa vez  
 eu quero arrebentar com o vidro.
- JUAN- Mas o que que aconteceu.
- NINA- Eu te preveni, não te preveni? Eu te avisei que eu ia ves\_  
 tir as minhas roupas sozinha e que você ia vestir as tuas  
 sozinho. Pois é. Eu vou começar o meu jogo arrebentando -  
 com o vidro.
- JUAN- Mas o que aconteceu? Isso significa uma declaração de guerra?
- NINA- O que você acha? (Pausa)
- JUAN- O que que você espera dessa gentinha aí? Que eles te cano\_  
 nizam.
- NINA- Não espero nada deles. Que tomem o poder, se conseguirem!  
 Eu só te adianto uma coisa: você vai perder e eu também.-  
 Mas já é tempo de dar o lugar pra eles. São novos ou são  
 melhores do que nós. Eles não perderam ainda e são eles -  
 que contam agora.
- (Pausa. Juan tenta voltar às folhas, mas desiste)
- JUAN- (Tirando os óculos) Tá certo!
- NINA- E se você não concordar eu te deixo uma alternativa: ou -  
 ir embora ou então...
- JUAN- Então o que?
- NINA- Telefonar pra polícia e avisar...  
 (Pausa. Ele está furioso e se levanta da cama)  
 Você escolhe. Amanhã ela vem pra cá. Eu faço votos que se\_  
 ja melhor do que eu penso.



JUAN-

(Depois de algum tempo) As tuas opiniões a meu respeito, de uns tempos pra cá são as mais torpes que já encontrei em toda minha vida. (Ela não está ouvindo mais) Principalmente numa hora que todo o mundo se volta contra mim, me olham como se eu fosse o grande traidor do povo, o grande traidor da causa. Você sabe muito bem eu não posso mais nem publicar o que penso, que eu não posso dar aulas mais. Seja lá como for, principalmente agora que... (Ele interrompe subitamente e nota que ela está dormindo) Você está dormindo, Nina?

NINA-

(Sonolente) Você não disse que ia ficar de plantão?

JUAN-

Cadê o mandrix?

NINA-

Te dei. Você não quis, eu tomei.

JUAN-

De jeito nenhum: vai lá e vomita.

NINA-

Tarde demais.

JUAN-

(Sacudindo-a) Nina, acorda, Nina, Nina! (Pausa) Dormiu. Vaca! (Sacode-a novamente) Nina... Nininha... Que vaca! (Juan fica algum tempo sem saber o que fazer, tenta voltar a escrever, depois desiste. Tenta reler o que está escrito, acha inútil. Detém-se diante dela, contempla-a, toca-lhe os cabelos e o corpo. Depois senta-se na cama, como um fantasma e fica se olhando na penumbra. Silêncio absoluto. Ouvem-se os gemidos da abertura, até que Garcia entra)

QUARTA CENA

(Continuação da cena anterior. Garcia acende um cigarrinho na sala e está fumando, Quando Juan surge)

GARCIA-

Juan?

JUAN-

Onde você esteve?

GARCIA-

Pensei que você já tava dormindo. (Juan se aproxima mostrando o cigarro) Quer?

JUAN-

Não.

GARCIA-

Não gosta?

JUAN-

Não.

GARCIA-

Nem experimentar? Experimenta.

JUAN-

Eu conheço.

GARCIA-

Eu falei com Nina sobre uma amiga que vem para cá. Não deu pra te falar ainda. Nina já topou.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 91020-025

- JUAN- Se ela já topou, pra que falar comigo?
- GARCIA- Ética?
- JUAN- Média. Ética e média são duas coisas muito diferentes.
- GARCIA- Publicaram fotografias dela nos jornais e espalharam car-  
tazes na cidade inteira.
- JUAN- Publicidade. É muito bom. (Pausa)
- GARCIA- (Passando o cigarro a ele) Dá uma tragada.
- JUAN- Não gosto disso.
- GARCIA- Uma só.
- JUAN- Fumo e subversão juntos é fogo.
- GARCIA- É questão de dois dias. Depois ela vai embora. Uma emer-  
gência, o que que acontece.
- GARCIA- Vamos todos em cana.
- JUAN- Pois é, vai ser muito divertido, não vai.
- GARCIA- Nem uma tragadinha? (Ele hesita) Uma só. (Juan aceita)  
Assim. Segura a fumaça. (Juan fuma) Você tem prática. -  
Não sabia. (Pausa)
- JUAN- Que que ela é tua?
- GARCIA- Mariana?
- JUAN- O nome dela é Mariana?
- GARCIA- Fajuto.
- JUAN- É o verdadeiro.
- GARCIA- É melhor ninguém saber.
- JUAN- Você tá me chamando de pinta de dedo duro?
- GARCIA- Questão de segurança, inclusive pra você.
- JUAN- Que inteligência; já vou avisando que eu não tenho nada -  
com a coisa.
- GARCIA- Mais uma tragada? (Ele hesita mais uma vez e mais uma vez  
aceita) Conheço ela faz tempo. Um dia eu passei lá no -  
apartamento dela por acaso, antes de ir pra escola, a por-  
ta tava aberta eu entrei tava tudo escuro. Daí eu acendi  
um fósforo e ela tava caída lá na cama, nua, cheia de com-  
primidos até a cuca. Nessa época ela era uma amiga dum ca-  
ra de vinte e três anos, um estudante que depois se casou  
com ela. Mas já tinha sido casada antes. O cara abandonou  
ela e deixou uma filha. Levei ela pro hospital e uns meses

C O R T E

GARCIA- depois ela se enganou, com o garoto de vinte e três anos.

JUAN- É com ela que você encontra toda a noite?

GARCIA- Acertaram um tiro no ombro dela, numa ação que teve af. -  
 Caiu quase todo mundo, inclusive o marido, ela conseguiu  
 escapar. (Pausa. Eles se embriagam. Caminha para a jane\_

la) Olha af. O dia nasceu. (Pausa) Eu tenho vontade de  
 ir embora.

JUAN- Embora pra onde?

GARCIA- Essa cidade me corrompeu. Gastei todo o meu destino aqui.  
 Agora só ficou o medo.

JUAN- Medo do que?

GARCIA- Tudo nessa cidade me mete medo. Desde que eu levanto. Eu  
 tenho medo de tudo. Passo pelas bancas de jornais e a pri\_  
 meira notícia que eu vejo me apavora. Olho pra esses car\_  
 ros andando, pra essas pessoas indo pro trabalho, pro mar,  
 pra esse rumor, pra essa fumaça preta, pra essas máquinas,  
 pra essas pessoas trabalhando, eu não sinto alegria nenhu\_  
 ma, eu só sinto medo. Se eu estou lendo um jornal, depen\_  
 dendo da página, tenho impressão que de repente vão sus\_  
 peitar de mim.

JUAN- Suspeitar de você por que?

GARCIA- Eu sou míope sabe? Se passa alguém do outro lado da rua,-  
 eu não consigo reconhecer. As vezes me fazem um sinal, eu  
 fico na dúvida se respondo ou não. Todo mundo, as caras -  
 mais manjadas, até os mendigos encostados na tua, tudo! -  
 Essa cidade inteira parece que me observa, parece que me  
 segue, só esperando o momento certo...

JUAN- E o que podem fazer com você.

GARCIA- Não trabalho, não tenho documentos, não estou contribuín\_  
 do com nada. Em termos de utilidade pública, eu sou zero  
 à esquerda. Um dia um policial me deu um empurrão e disse  
 o seguinte: "Cabeludo tem que pastar". Eu disse: "Eu sou  
 poeta". Ele disse: "Que poeta que nada! Vai andando! Cir\_  
 cula". Todo mundo foi embora. Poetas, artistas, todo mun\_  
 do, San Vicente sem música, sem chantagistas, sem ilusio\_  
 nismo, é só medo. Esse fim de festa, com ruas vigiadas, -  
 com a noite vigiada, as mesmas notícias, as mesmas conver\_  
 sas, as mesmas caras com medo, a mesma ameaça, e esse dia  
 nascendo pra nada! Eu tenho que ir embora atrás deles, eu  
 gastei o meu destino aqui. (Pausa deliberadamente teatral)

GARCIA-

Você já viu os ratos pra fora da toca, já viu como é? Em cima de escombros, sem teto, sem segurança nenhuma? CONVALESCENTES! Nós somos CONVALESCENTES da festa que acabou, onde cada um sonhou a própria esperança, e sem povo. A esperança agora é coletiva ou então não é mais! E onde é que vão ficar os convalescentes, os que ainda tem vírus da festa sem povo? -Que fiquem pra sempre dentro das tocas: é o que estão nos respondendo. Não tem mais teto, velho. Nem pra você nem pra mim, nem pra mais ninguém. - Que se envenenem fora das tocas ou então desapareçam! As escavadeiras vem vindo aí trrrrrr... Os ratos que se devorem!

JUAN-

E enquanto isso você se anestesia... assim... tranquilamente...

GARCIA-

Hoje eu andei pela cidade inteira, desde às seis da tarde. Andei como um louco, seguindo as pessoas. Vi gente de todo tipo possível. Umás meninas de colégio olharam para trás, quando eu passei. Teve uns padreiros, em cima dum prédio que pararam pra olhar a minha roupa e comentar. Eu andei, andei, andei, tentando me consumir, tentando encontrar alguém, uma pessoa, não interessava quem fosse, que me tocasse a mão. Mais nada! Me comprimi no meio deles, na rua, no meio dos carros e nada! E quando mais eu me cansava, mais eu queria que me tocassem! Não consegui encontrar ninguém! A única pessoa dessa cidade que tocou em mim foi um guarda que tava acendendo o cigarro, a mão dele se encostou na minha e ele me perguntou: "Passeando?" Eu respondi: "É". E ele disse; "Você é que vive". (Pausa) Eu é - que vivo... Olha aí fora: mais um dia que nasce pra nada me esperando com o medo do lado de dentro. Cá estou eu, na beira de um mundo novo, sem nada pra esperar além do medo, e com esse fogo de viver estilhaçado no corpo. O que que eu vou fazer dele, me explique! (Pausa) O mundo vai ser transformado sempre pela regra comum. Ta-ta-ta-ta-ta! e pronto. Substituem uma ordem por outra ordem e a insatisfação, Juan. Nesta cidade nós somos insatisfeitos. Chame-se o nome que chamar, tenha praias ou não, o que conta, o que é fora de dúvida, o que é fundamentalmente certo é que aqui, aqui nós somos insatisfeitos! Na ordem da História nunca vai sobrar um lugar pra pessoas que, como eu querem trair qualquer causa pela vida!

GARCIA-

Doze horas na rua, no meio da multidão com pressa e nin-  
guém! Cazzô! Ninguém! O círculo cai se fechando, vai se  
fechando... e ninguém! Ninguém! Ninguém.

JUAN-

Calma...

GARCIA-

Mais uma tragada.

CORTE

JUAN-

Não. Eu tenho que dormir.

GARCIA-

Você não tem que levantar cedo mais pra trabalhar.

JUAN-

Eu preciso terminar as minhas anotações.

GARCIA-

Porque que você ficou me esperando?

JUAN-

Por nada. Eu não estava com sono.

GARCIA-

Você?

JUAN-

O que?

GARCIA-

Nada, pode ir dormir. (Pausa)

JUAN-

Quando eu te trouxe pra cá, eu pensei que você tava procura-  
ndo chance. Eu pensei que você tinha algum ideal.

(Garcia olha firmemente para ele)

GARCIA-

Durante todo o tempo da escola você foi a minha tábua de  
salvação particular, que eu gastei; Juan, que eu deixei -  
afundar sozinha, no dia que ficou claro pra mim que você;  
assim como eu, tinha gastado toda a tua fé, não sei ondê  
nem como, e que você tava fazendo os teus sermões ainda,  
porque era a única coisa que você tinha aprendido a fazer  
na vida. Era a tua profissão e o teu ganha-pão. Hoje eu -  
tenho a impressão que se você fosse um assassino procura-  
do pela polícia, sem um lugar para ficar, andando por aí,  
eu não sei...

(Pausa. Juan percebe que eles dois estão separados. Subi-  
tamente Garcia começa a rir)

JUAN-

O que que foi?

GARCIA-

Uma idéia porque que você não abre uma coluna de horosco-  
pos num jornal - "Professor Uranus" - Ou então uma coluna  
sentimental, com o pseudônimo de "Tia Margarida". Eu co-  
nheço um jornalista português que ganha a vida muito bem,  
por sinal com o pseudônimo de "Tia Helena".

(Garcia continua a rir. Juan está cada vez mais sério)

GARCIA-

Você não pode dar aulas, não pode escrever o que pensa, -  
não pode fazer nada. Então avacalha. Imprensa marron dá -  
até fama. Em última análise sempre tem o dolar, sabe como

GARCIA- é... Use o pseudônimo, se você precisar de uma solução de cente.

JUAN- Você acha assim é?

GARCIA- Eu acho assim. Ou então escrever novelas pra televisão. - Isso então é dinheiro em caixa. Não precisa nem talento. - Basta assinar contrato e aceitar as regras do jogo.

JUAN- Você me toma por quem?

GARCIA- (Demônico) Por que que você continua, Juan? Responde - pra mim com toda a honestidade. Por que que você continua?

(Pausa) Pra que continuar, se você tem que mentir? Você - sabe que você vai mentir, até se você tiver chance de dizer a verdade. Não é mais certo a solução final. O que - que está te prendendo ainda? Essa carcaça que você exhibe? Você exhibe pra quem? O teu amor por essa miséria não tem sentido nenhum! Você só pode chegar até a Beleza de novo, se você derrubar essas paredes todas e contaminar de América e sujar de rua esse santuarinho domesticado e colonizado!

JUAN- Quem é você pra me falar de minha fé. Um viciozinho menor, um marginalzinho virgem, que não sabe nem trepar. (Garcia se assusta com a investida dele)

JUAN- Isso mesmo: que se estrepa doze horas na rua e não consegue ganhar nem um guarda! Um distribuidorzinho ordinário de panfleto, suburbano, sem um covarde que se borra de medo só de ver as manchetes de jornais! Você não amedronta ninguém: uma cara que sai toda noite pra rua pra caçar veículos vem me dizer que tá do lado de fora da HISTORIA! - Não seja tão grotesco! Você é a decadência viva o presente! Não é você mesmo que faz a apologia barata das tuas prostitutas, dos teus vagabundos, dos teus drogados? A América tá pulsando é no campo, é nas fábricas, é nas minas debaixo da terra, e não nos bordéis baratos da tua ideologia pequeno burguesa, marca merda! A melhor coisa que você tem a fazer é calar a boca e continuar contemplando o teu umbigo.

GARCIA- Porque que você continua, Juan? Por que? Responde sem escamoteação.

JUAN-

A luta pra você é literária. Literatura é ópio. A América pra você é literatura de cordel e só isso! O povo não te tocou com a mão e não vai te tocar nunca, simplesmente - porque você não conseguiu ultrapassar o teu umbigo.

GARCIA-

Você tá mentindo! Isso é uma representação.

JUAN-

Eu tenho o sangue do povo correndo dentro das minhas veias. Esse dia nascendo não me mete medo nenhum... (A luz deve cortar Garcia e focalizar apenas Juan. Na verdade ele está representando. Ele não acredita senão na saudade de sua fé, perdida. Nesse momento ele está inflamado)

JUAN-

Minha mãe plantava a terra. Ela me deu à luz sozinha, sem ninguém pra ajudar. Me deu a luz de noite, depois de capinar o dia inteiro e depois de fazer o jantar pro meu pai. Eu trago dentro de mim a coragem da minha mãe e a força da América. Uma tarde eu saí do interior e vim pra San Vicente dentro do onibus. Eu lembro que o céu tava escuro, ia chover. Ia cair uma dessas chuvas de verão, que inunda a terra, que alaga a terra, que mata animais e que o povo recebe com alegria. Eu vim de um lugar chamado El Salvador. De dentro do onibus, em movimento na estrada, debaixo desse céu monstruosamente escuro, eu lembro que eu vi El Salvador pela última vez dum lado e do outro, na estrada, plantando um futuro, silenciosamente, com a própria miséria. Eu lembro: figuras magras estampadas na tarde. Encostadas do lado de fora da cidade, crianças mamando nos peitos mirrados das mães... dois rapazinhos com enxadas no ombro... Uma garotinha descalça com um pano colorido enrolado no cabelo, e esse céu americano, selvagem, sábio como a minha mãe, fértil como ela. Eu trago El Salvador dentro de mim para sempre, acenando dentro de mim numa tarde de chuva, com cheiro de terra e de esperança. (Ele se volta para Garcia e grita)

GARCIA-

Você tá representando, Juan... Você tá mentindo... Você ama o fantasma de um povo inventando, que você separou da tua vida faz muito tempo.

JUAN-

Você veio de uma raça degenerada e fraca! Contempla o teu umbigo que é mais certo. Você está do lado da morte! Com a minha idade, com a minha boca amordaçada com todos os meus fracassos, ainda sou eu que estou do lado da vida. (Juan se retira. Garcia olha para os lados sozinho)

GARCIA- (Para o PÚBLICO) ELE TEM SERVOS DENTRO DE CASA! SÃO IDEA  
LISTA AINDA. São revolucionários e tem servos dentro das  
casas deles. (O boneco que representa a empregada domés-  
tica desce nesse momento sobre a cena)

GARCIA- (Abraça o boneco, deita-o no proscênio e depois deita-se  
sobre ele arfando) Se isto é a nossa verdade, eu devo -  
estar delirando sozinho, numa cidade que não tem nada de  
real! (Pausa) Eu te esperei doze horas. Eu te inventei  
doze horas. Eu te segui doze horas, segundo a tua dor, se-  
gundo o teu crime, segundo o teu vício, segundo o teu chéi-  
ro, segundo a tua deformação, segundo o teu medo, segundo  
tua covardia; te confiei os fantasmas do meu prazer insa-  
tisfeito, desci até a tua língua, até a tua mão, até a -  
tua coxa, tentando penetrar a beleza da tua forma disforme  
engendrada nessa carne fantasma do meu desejo. (Ele atin-  
ge o orgasmo e cai para um lado, exausto, depois grita -  
com ódio)

GARCIA- Estou farto de possuir a mim mesmo! Estou farto de comun-  
gar o meu próprio corpo, todo dia, toda noite, sozinho e  
escondido! (Ergue-se aponta o dedo para todos os lados,  
como se estivesse com revólver na mão e balbucia)

GARCIA- San Vicente de todas as minhas impossibilidades, em nome  
de todas as minhas tentativas perdidas em cima das tuas -  
ruas ta-ta-ta-ta... CONVIVÊNCIA

**Teatro de Arena**

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

QUINTA CENA

Música frenética abre a cena. O estilo é circense. No pri-  
meiro plano está Nina vestindo Mariana. Com roupas moder-  
nas, Juan, de óculos, faz anotações nos papéis que o acom-  
panham escrevendo e rabiscando o que escreveu, no interior  
Garcia se prepara para sair.

NINA- Bota esse blue-jeans.  
MARIANA- Não vai ficar muito grande.  
NINA- Experimenta. E agora essa blusa.  
MARIANA- Não tenho é sapato.  
NINA- Bota esse.  
MARIANA- QUE LINDO!  
NINA- Deixa ver... Tá faltando o que?  
MARIANA- Acho que tá bom assim.



- NINA- Tá faltando só um foulard. Pronto. Tá perfeito. Anda pra lá.
- MARIANA- Fiquei bem?
- NINA- Ainda falta um pouco de blue-hem.  
(Nina pinta o rosto de Mariana, que se sente extraordinariamente feliz. Juan acompanha a cena com cinismo)
- NINA- Olha no espelho.
- MARIANA- O lenço parece que não tá combinando...
- NINA- Lenço não. Foulard.
- MARIANA- Tá combinando?
- NINA- Tá perfeito. Divino.
- MARIANA- Estou bem.
- NINA- Olha no espelho. O que que você acha? Quer que eu chame o Garcia pra te ver?
- MARIANA- Depois.
- NINA- Anda pra lá. Já pode movimentar o braço.
- MARIANA- Posso.
- NINA- Então levanta os ombros. Assim. Perfeito. Sabe dançar?
- MARIANA- Um pouquinho...
- NINA- É preciso beber um pouco. Eu te ensino. Pra esquentar.
- MARIANA- É uisque?
- NINA- Do bom. Importado. (Mariana toma) Agora ven. Faz assim com os pés. O corpo assim. Agora com as mãos. (As duas - ensaiam um iê-iê-iê)
- MARIANA- Não tenho ritmo.
- NINA- É questão de se entregar. Assim... tá vendo? Mexe com os cabelos. Perfeito. Descontraí. Assim. Certo. (As duas continuam, eufóricas)
- NINA- (Gritando) O.K., baby! Sensacional! (Súbito Mariana se detém)
- NINA- O BRAÇO?
- MARIANA- Não.
- NINA- O que?
- MARIANA- (Diante do espelho) Engraçado...

NINA- Você tá linda, sabia?

MARIANA- Teve uma época que eu dançava direito...

NINA- Continua. Vem.

MARIANA- Estou fora de ritmo...

NINA- (Empurrando-a para a dança) Sozinha agora. Só você.  
(Mariana dança com uma certa timidez)

NINA- Lindo! Você dança lindo!  
(Mariana para e volta ao espelho)

MARIANA- Um pouco mais de cor será que não fica melhor!

NINA- Assim não. Assim fica cafona.

MARIANA- Tuas roupas são todas lindas...

NINA- Tá cansada?

MARIANA- (Bebendo o uísque, meio distante) Um pouco.

NINA- Tá pensando no teu marido?

MARIANA- Amanhã é o dia.

NINA- Você... Você não pode mais voltar atrás?

MARIANA- Se eu me empregar, começar a trabalhar, eles me perdoam.  
Vão me aporrinhar um pouco, no começo, depois esquecem.

NINA- E porque que você não volta?

MARIANA- Onde eu cheguei, qualquer um chega. É daqui pra frente -  
que conta. Quem tá na frente vai morrer primeiro. Mas não  
tem outra saída.

NINA- Você tá internacional, sabia. Linda! Quer dançar mais?

MARIANA- Se ele morrer, sabe não sei o que vai ser...

NINA- Esquece, ele tá bem. Vem dançar.  
(Mariana tira o foulard)

NINA- Tirou o foulard por que?

MARIANA- Acho que eu prefiro dormir...

NINA- Por que?

MARIANA- Depois...

NINA- Depois o que? Tá se sentindo bem dentro da roupa ou você  
prefere outro tipo?

MARIANA- Não, sabe... É que...

NINA- Sem essa de dirigismo, Mariana.

- MARIANA- Eu não quero! Desculpa, mas eu não quero. Não quero!
- NINA- Você pode não querer ficar dentro da roupa porque não tem sacô, porque não gosta, mas não vem com esse dirigismo - besta que não prova nada.
- MARIANA- Não é nada disso.
- NINA- Isso é mentalidade de marxista c.d.f. provinciano!
- MARIANA- Tá bom. Eu não gosto de roupa, eu não me sinto bem dentro dela.
- NINA- Quer experimentar outra?
- MARIANA- Não, eu não me ia sentir bem dentro de nenhuma.
- NINA- Por que?
- MARIANA- Porque as tuas medidas são diferentes das minhas. Teu gosto é diferente do meu! (Nina se adianta para Juan, que assistiu à cena com sarcasmo. Mariana se pinta à vontade diante do espelho.)
- JUAN- É o povo no poder...
- NINA- São dos teus, don't forget.
- JUAN- Ensina mais pra ela. Ensina que o cigarro bom tem que ser americano, que certas coisas não se diz em português, que é uma língua menor, mas em inglês, que é muito mais rica.
- NINA- E porque não? Quando eu te conheci, você era até pior. - Lembra quando você quiz fazer os convites do casamento com pombinhos dourados?
- JUAN- Em compensação eu te salvei da lista das "Dez Mais Elegantes", queria o teu verdadeiro destino.
- NINA- Taco a taco. Estamos empatados.
- MARIANA- Tenho que escrever uma carta. Você me arruma papel?
- JUAN- Anotações de guerra? É bom- depois os jornais publicam e você vira mito.
- MARIANA- É, vai ser mais um pra vocês devorarem...
- JUAN- Você quem?
- MARIANA- A tua classe.
- JUAN- Isso tudo que você tá vendo é aparência, mocinha. Nós - aqui somos duros. Quem tem grana é só a patroa aí. O resto vive na lona.
- MARIANA- Vocês, na impossibilidade de fazer alguma coisa, são irrequietos... E discutem. (Pausa. Nina olha para Juan)

**Teatro de Arena**  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

- JUAN- Você consegue ser sutil, taf. Gostei. Viu como ela é su-  
til; Nina? Olha você salvou a nossa noite. Nada de ira -  
pra restaurante, cinema, teatro, essas coisas decadentes  
e prosaicas. O programa pra essa noite é: CONVIVÊNCIA. -  
Perceberam? CON-VI-VÊN-CIA. Onde é que se enfiou a outra  
parte do quarteto?
- NINA- Tá se arrumando pra sair.
- JUAN- Pra sair? Pra encontrar com quem agora? - A namorada já -  
não tá em casa, salva? - Vai ficar aqui jogada fora?
- MARIANA- Somos amigos.
- JUAN- Eu sei, eu estou sendo util.
- MARIANA- Companheiros.
- JUAN- Muito comunista, isso tudo. Por falar nisso, você virou co  
munista com que idade? Eu quero perguntar o seguinte: com  
que idade você perdeu a virgindade?
- MARIANA- Não me lembro.
- JUAN- Não é por nada. É que eu me interesso um pouco por precoci-  
dade. Garcia, por exemplo, é um caso de precocidade. No -  
sentido inverso, eu estou dizendo. Trocando em miudos: em  
geral a senilidade, como costumam ensinar os manuais de -  
sexologia, começa por volta dos...
- NINA- Quarenta anos.
- JUAN- Quarenta? Você tem certeza?
- NINA- As vezes a cultura, isto é, muito livro na cuca, antecipa.
- JUAN- Eu estava falando de senilidade precoce, se você me permi-  
te. (Mariana ri e toma o resto de uisque)
- NINA- Uma época eu e Garcia resolvemos ter um filho. Ele te con-  
tou isso?
- MARIANA- Contou.
- NINA- Pois é. Depois apareceu o príncipe encantado, a consciên-  
cia nacional, que por sinal não deu no coro, de modo que  
as coisas ficaram como ficaram - do jeito que você está -  
vendo.
- MARIANA- Quem é a consciência nacional?
- JUAN- A Mãezinha!
- NINA- Sutileza, meu amor, sutileza. (Nina pega o copo na mão de  
Mariana)

NINA- (Para Mariana) Mais uisque?

MARIANA- Não.

NINA- Uma coca-cola? (Nina abre uma coca e serve a ela)

NINA- (Lendo uma tampinha) "O Universo possui ao todo UM QUINII  
 LHÃO de sistemas planetários".

JUAN- Quem contou?

NINA- Adquirir cultura, bebendo coca-cola.

JUAN- (Contando para Mariana) Eu tava dando aula, um dia, quan-  
 do ele veio falar comigo na saída.

MARIANA- Ele quem?

JUAN- O rapaz aí. Chegou pra mim, tímido, meio deslumbrado e me  
 declarou simples e categoricamente que a filosofia tinha  
 acabado.

MARIANA- E você?

JUAN- Eu me assutei, claro. (Garcia continua cantando a ópera  
 com o disco)

JUAN- Na época que eu conheci, tinha a educação que um estivador  
 pode ter. Agora canta ópera, tá ouvindo? Pois bem, o so-  
 prano ligeiro aí tem um tipo de vida muito sui generis, e  
 eu já te conto.

NINA- (Interrompendo) Sutileza, my dear, sutileza. (Para Maria-  
 na) Ele adora platéias, não se impressiona não.

JUAN- Você acha que eu tenho cara de otário? Olha bem pra mim:-  
 eu passo por otário, passo?

NINA- Ele resolveu agora fazer o menino de cristo, só porque sai  
 pra rua, toda noite, e não faz nada.

JUAN- Você, que é de outra época e nova na família, me dê sua -  
 opinião. O soprano ligeiro, como eu estava te contando, -  
 come e dorme como... um suíno. Precisa entrar lá no quarto  
 e ver como ronca - Deus me livre. Veste as nossas roupas  
 e sai, invariavelmente, toda noite, desde que veio pra cá.  
 Me dê sua opinião sincera. O que que você faria?

MARIANA- Mandava embora.

JUAN- Voilà.

NINA- Tem um detalhe que você esqueceu, meu querido.

JUAN- Qual.

NINA- Eu.

- JUAN- Essa senhora agora resolveu quebrar vidros de carro pra..  
pra tocar o povo com as mãos. (Jua começa a cantar a -  
mesma ária que Garcia canta. Garcia entra, bem vestido, e  
os dois fazem um dueto, durante algum tempo)
- GARCIA- Eu posso usar o teu longo.
- NINA- Foulard.
- JUAN- Onde é que você vai, assim tão belo.
- GARCIA- Caçar.
- JUAN- Ah!
- GARCIA- Algum problema.
- JUAN- Nenhum. As armas são tuas.
- GARCIA- Então porque esse "AH"?
- JUAN- Estou pensando na tua namorada, você traz ela pra cá, e  
deixa aqui com a gente, assim, sem finais nem menos?  
(Garcia beija Mariana)
- GARCIA- Descobri, nesse minuto, que você é exatamente igual à mi-  
nha mãe. Escarrado. Minha mãe sempre foi o tipo da pessoa  
que viveu na dizendo, toda noite: "Onde você vai? Mas ou-  
tra vez? Com esse frio? Mas você já não teve lá ontem até  
de madrugada? Um dia você ainda acaba tuberculoso! Quando  
é que você vai pensar no futuro?"
- JUAN- Ela sabe muito bem o que é o certo então. Porque o negó-  
cio não é só comer, dormir e sair pra rua. Caramba, vamos  
CONVIVER. Conversar, trocar idéias... discutir. Caramba,  
que droga de convivência é essa.  
(Nina aumenta o volume da música e gesticula grandiloquen-  
tamente)
- JUAN- Quer tirar essa música, pelo amor de Deus?!
- (Nina retira a música)
- NINA- Pronto, meu amor. Que mais? (Pausa)
- JUAN- (Categórico) O Programa dessa noite é CONVIVÊNCIA. (Para  
Garcia) Você participa? (Pra Nina) Sente-se, por favor.  
Assim. (Nina se deita no chão displiscentemente)
- JUAN- Isso é o que os críticos costumam chamar de teatro-sala-  
-de-visita. Um pouco de passô, mas ainda eficiente.  
(Juan se levanta, retira os copos e os cigarros das mãos  
deles)

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

- NINA- Mas o que significa isso?
- JUAN- Um jogo. Um jogo... de nudez. (Silêncio)
- NINA- Morreu alguém importante, deram algum golpe importante, e que que aconteceu hoje de bom ou de ruim pra nós.
- JUAN- A guerra não está na ordem do dia, meu amor. Eu disse que nós vamos conviver, sem muletas!
- GARCIA- Uma sugestão porque que a gente não apaga a luz e parte pra um negócio muito mais objetivo?
- NINA- Psicoterapia de grupo eu não tenho saúde.
- JUAN- Vocês só sabem jogar o convencional!!! Sem os cigarros - de vocês, sem os copos de vocês, sem os ruídos de vocês e sem esta guerra, não sobra mais nada!!!
- GARCIA- QUER SABER DUMA COISA? Decidi que você está atrapalhando a minha noite!
- JUAN- Que saco! Você vai badalar a noite inteira até o cu da madrugada, toda a noite, até o final da eternidade.
- NINA- Pomba, como você é chato! Que fixação! Putz!
- JUAN- Sutileza, darling.
- GARCIA- Você acha que eu devia arrumar um emprego, é.
- JUAN- Não sei. Você é que sabe o que que você vai fazer da tua vida.
- GARCIA- Bem, fazer fazer... não quero nada. Com a maior honestidade. Te incomoda muito?
- JUAN- Incomoda. Além de me influenciar negativamente, uma pessoa que entra dia sai dia fica encostada por aí, tem outro problema. Você sai toda noite, percebeu? E que que eu posso concluir? Que somos todos uns retardados mentais, sem imaginação, equéticos, e daí pra fora.
- GARCIA- Não gosto de ficar em casa. Não gosto, dá licença? Não gosto da casa especificamente. Qualquer casa. Prefiro ficar andando na rua.
- JUAN- Você pode contar pra mim o que que tem na rua?
- GARCIA- Gente. Gente variada e desconhecida passando. E ação. Eu não tenho nada mais pra fazer fora disso. Quero ficar na minha. Vocês são políticos, eu não. Vocês são civilizados. Eu não. Prôblema de geração, manja.

NINA- E que tal se a gente ficar muito louco?

JUAN- O programa dessa noite é CONVIVÊNCIA!

NINA- O que que você entende por conviver? Encher o saco de to-  
dos até arrabentar? E onde é que fica a saúde?

JUAN- Vamos começar tudo de novo. Agressões não revelam nem ab-  
solvem ninguém. (Mariana se levanta)

JUAN- Você não participa do jogo?

MARIANA- Vocês estão falando sério?

JUAN- Embora o teu lance seja outro, eu quero ver você fazer -  
strip-tease... Você tá lutando pra que? Não é pras pessoas  
um dia chegarem num ponto onde possam, simplesmente, con-  
viver? Pois nós vamos conviver esta noite. Sem bebida, sem  
música, sem muleta nenhuma. (Há nesse momento uma guerra  
na cena. Eles se detêm como se fossem uma foto. Ninguém  
se move da posição em que se encontra. De algum instante  
Nina começa a se mover no chão eroticamente)

NINA- (Monologando) Se eu pudesse... se eu ainda conseguisse,-  
Juan, eu ia te dizer, agora: "Meu amor". Mas dessa vez -  
você vai ter que perder. E eu não vou ter pena de você. -  
Essa guerra que grita do lado de fora, insiste, querendo  
penetrar na nossa vida, amanhã ela vai chegar até aqui. P  
Pra nossa libertação ou pra nossa morte. E você vai ter que  
ouvi-la dentro de você!

(Os sinais da guerra, do lado de fora fazem com que eles  
todos se movam. E então compreendem subitamente que estão  
acuados. Mariana se liberta das roupas de Nina e é a pri-  
meira a se mover)

MARIANA- Onde é que eu deixo isso?

JUAN- Vocês estão com medo do que?  
(Eles todos olham para Juan)

JUAN- Estamos garantidos, crianças.

NINA- Você tem certeza? (Pausa)

MARIANA- AMANHÃ EU TENHO QUE LEVANTAR CEDO. (Para Garcia)

GARCIA- Como é o esquema?

MARIANA- Precisamos dum carro.

GARCIA- O de Juan.

JUAN- Nemousem! (Pausa) Eu já disse e repito: não estou nesta.



- MARIANA- Claro. Nas eleições vocês vão ganhar. Onde é que eu deixo isso.
- JUAN- Agora que tava chegando a tua vez de jogar você cai fora!
- MARIANA- Amanhã eu me arranco daqui.
- JUAN- Eu sei.
- MARIANA- Você não precisa ficar mais preocupado.
- JUAN- Quem é que está preocupado?
- MARIANA- Porque na última casa onde eu fiquei, chegou uma hora - que eu já tava preferindo me entregar.
- JUAN- Será que você não exagera na mania de perseguição.
- MARIANA- Na minha situação, você, que tem quinhentos anos de cultura e é politizado, na minha situação eu queria ver você - sendo inteligente desse jeito. Pagava pra ver.
- JUAN- E agora mais esse! Mais um mártir dentro dessa casa! Quem é que ela tá pensando que é? A rosa de Luxemburg?!
- NINA- O programa de convivência, meu querido.
- JUAN- Uma cafona! Uma cafona sem cultura nenhuma, que não vai - ter tempo nem de ficar grávida, tá! Daqui a pouco vai vir bandeira de pequeno - burguesia!
- NINA- Ela tá dando o recado dela. Seja honesto com os fatos.
- JUAN- Os fatos! Quais são os fatos!
- NINA- Escute lá fora.
- (Sinais de guerra continuam)
- JUAN- Eu não tenho medo dos fatos, pra teu governo. Não vai ser cafona debilóide, porraloca e moralista que vai me ensinar o que que é o certo.
- NINA- Ela pelo menos tem uma coisa concreta pra fazer: tirar o marido do hospital, que tá cercado de perigo. E você - você vai ficar plantando aqui, inventando joguinhos imbecis.
- JUAN- Pronto, já começou a burguesia agora conchava com a juventude, pra não sair da crista da onda. Voilá!
- NINA- E eu vou ficar do teu lado a troco do que?
- JUAN- Sempre por cima da carne seca! Eu queria era ver você - assumindo agora as tuas passeatas.
- NINA- (Interrompendo) As nossas passeatas.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

JUAN-

As tuas faixas. Os teus saraus, o que que você me diz dos teus saraus, dos teus canapés socialistas, com vilõezinhos, muito charme e bossa-nova, o teu liberalismo regado com o sangue dos operários do teu pai? Hein? O que que você me diz disso? Tá bom. Eu afinei. Então vamos aos fatos. A salvação da pátria é a juventude, o Poder Jovem. (Apresenta - Garcia) Eis o Poder Jovem, que rima amor com flor. Quais são as ordens, Poder Jovem? A flor ou o fuzil?

GARCIA-

As privadas de cinema.

JUAN-

Traduza pra mim, que essa eu não entendi.

GARCIA-

As privadas de cinema são uma espécie de bordel gratuito, onde você usa à vontade, e segundo a tua qualificação, não os teus ideais, mas as preversões deles. Trocado em miudos nas privadas de cinema, que são muito mais verdadeiras que o próprio cinema, você não fica assistindo, você pratica.

JUAN-

É você quem tá dizendo. Você sabia, Nina. Sabia das privadas de cinema dele? Pois eu não sabia. Fiquei sabendo agora. E pra te ser bem franco baby, não acho nada higiênico. Questão de gosto, claro.

GARCIA-

O que que você acha mais higiênico: as privadas de cinema ou do lar?

JUAN-

Você está insinuando que eu... sou desonesto. Não seja injusto comigo porque você é mais do que eu. Seria fácil de mais. Se você quer disputar comigo, use de golpes leais.

GARCIA-

Quais são os golpes leais? Fuzilar a decadência com palavras e viver às custas dela?

JUAN-

Você esperava o que? Que eu me banhasse de gasolina e me queimasse em praça pública? O poder está nas mãos de vocês agora. Eu estou esperando as ordens. QUAIS SÃO?

GARCIA-

Faz muito tempo que a nossa cumplicidade estourou, Juan. - Você não está me fazendo favor, não está me salvando nem esclarecendo. Eu te exploro. Eu uso você, uso a tua casa, uso as tuas coisas, uso o teu dinheiro, uso a tua covardia, uso o teu sarcasmo, uso as tuas roupas quando servem. (Pausa. Juan olha atônito para Nina, o tiro acertou-lhe em cheio)

GARCIA-

Qual a próxima brincadeira?

JUAN-

Encerrado "Four de ás". Você pode levar a mesa. (Para Nina) Bota uma música. (Acende um cigarro. Nina vai e retira da boca dele)

NINA- Não, meu amor. Agora sou eu que quero continuar.

JUAN- Continuar pra que?

NINA- Eu não joguei nada.

GARCIA- (Para Juan) Eu não sei porque todo esse susto. O que que você tava esperando de mim? - Que eu continuasse um congragadô Mariano teu, nas condições de sempre, que ficasse louvando as tuas virtudes, bebendo dessa água que não matou - nem vai matar a sede de ninguém te enchendo de vento até - você explodir como uma bexiga. Na desculpa. Velha Guarda. Mas esse tempo passou.

JUAN- Nunca exigi o teu respeito. Você é que me respeitou por - conta própria. Então foi precisô chegar esta guerra, pra - eu ficar sabendo que as mesmas pessoas que se ouvirem são as mesmas que agora cospem em cima de mim, como nojo!

GARCIA- É a ordem natural das coisas.

JUAN- Vivemos juntos as mesmas traições e as mesmas esperanças...

GARCIA- Não, Juan. Você sabe muito bem que tipo da esperança me li - gava a você. Não tenha esses pudores. Quem perdeu fui eu.

JUAN- Seja lá como for, você acabou de cuspir em cima de tudo, - com a maior tranquilidade.

GARCIA- Cuspi. E vou continuar cuspiendo e escarrando até quando so - brar nojo.

JUAN- (Para Nina) Toma nota. Um a menos no nosso time.  
(Nina não diz nada. Ela sofre mas permanece forte)

GARCIA- Não tente consertar: eu nunca joguei no teu time. Você tá - ceindo de saber.

JUAN- Por isso mesmo. Pra que proteger um inimigo dentro da minha - casa.

GARCIA- A tua casa tá falido, Juan... Joga os teus livros fora... - Queima a tua cultura...

JUAN- (Perverso) Apesar disso você vive às nossas custas. Olha - aí, até a roupa. Onde é que êctão os teus trapos? Porque - que você não se enfia dentro deles? Se você tem tanto nojo - disso tudo, porque que você não se enfia dentro dos teus - trapos?

GARCIA- Eu danço a tua música. A minha sobrevivência depende dela. - Eu sou um gatinho vira-latas, lavado e perfumado por vocês. - O cheiro dos meus trapos, eu sei que vai fazer mal a vocês.

- JUAN- Não seja por isso (Para Nina) Traz os trapos dele de volta. (Pausa. Nina permanece imóvel) Você não ouviu? O Jogo é pra valer. (Nina vai buscar as roupas de Garcia, Garcia se enfraquece)
- JUAN- Se você não está do nosso lado, escolha o teu!
- GARCIA- Eu não tenho pra onde ir...
- JUAN- Dane-se!
- GARCIA- Eu estou sem dinheiro...
- JUAN- Se vires! (Nina volta com as roupas dele)  
Estão aí. (Garcia olha para Nina, quase que pedindo ajuda)
- NINA- Foi você quem escolheu.
- GARCIA- Eu não escolhi nada.
- NINA- Você é livre.
- GARCIA- Livre pra que? Pra enfrentar essa noite sozinho, sem nada, com frio, sem onde cair morto, e sem ninguém pra esquentar as minhas costas?
- NINA- Lute!
- GARCIA- Eu vou ficar do lado de fora. O mundo é o mundo da regra comum. O mundo é a classe média em qualquer parte.
- NINA- Pois adote a regra comum: a classe média!
- GARCIA- Que que me adianta ganhar o jogo, se eu vou ficar sozinho? Que que me adianta criar a festa, se eu vou ficar do lado de fora da festa? Que que vão adiantar as minhas idéias feiozes, a minha selvegeria e os meus panfletos, se eu não me salvo?
- JUAN- Como você sabe, como você mesmo disse, você vai continuar cuspidando até onde sobrar o teu nojo. O que que te enfurece tanto? Os teus trapos ou a tua importância?
- GARCIA- Eu preciso, eu tenho necessidade de desrespeitar você! Eu tenho necessidade de mostrar pra todo mundo quem são os salvadores do povo. Essa falência, bem nutrida, bem vestida e canalha. O que que impede vocês, vocês que pensam, raciocinam e chegam a conclusões certas, o que que impede vocês de transformar o mundo? O povo está sendo salvo pelos que já são os donos do tabuleiro, é que vão continuar dando as cartas, mesmo quando o jogo perder a graça.
- JUAN- Faz muito tempo que o jogo perdeu a graça.

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

GARCIA-

Será que você não percebeu ainda que você tem razão e vai ter razão até a morte pelo simples fato de que você tá do lado deles. (Pausa. Com ódio) Você faz parte da classe dominante, velho, do avesso, convertida em anti-arte, convertida em teatro em cultura, convertida em exterior. Nem flor nem fuzil, nem as duas coisas juntas. Eu estou do lado da violência, e sabe porque, sabe. Eu estou do lado da violência, porque a violência me ilude de viver, só por isso. O dia que no lugar das manchetes negras dos jornais, os mesmos que me apavoraram toda a manhã. O dia que aparecer no lugar delas a faixa branca de paz, o arrego definitivo, então não vai ter sentido nenhum a vida de San Vicente! - Mas até lá, até lá eu quero sangue! quero me conspurgar até a alma com esta destruição! Ela me consola. É esse inferno o reino de minha Justiça. A Beleza pra mim é o sofrimento sem comunicação. Quando eu falo da miséria da rua, não é pra bater no peito como esses viciados da caridade, que industrializam a miséria pra se desculparem. Eu não tenho esperança de ordem nenhuma. Eu quero, com as minhas mãos, com a minha paixão, com a minha loucura, as armas que me sobram desse caos - reinstaurar a Desordem no seu verdadeiro caminho e fazer morrer esta civilização. (O Boneco desce até a cena nesse momento)

JUAN-

Eis aí um pequeno Hitler pra consumo.

GARCIA-

Você consegue amedrontar e convencer os teus estudantezinhos intóxicados de belas intenções, bem postos na vida, e as tuas vacas sagradas vindas da aristocracia falida. A tua geração acabou? E você acabou junto com ela! Você não tem mais nada pra dizer pra ninguém, Juan! Falência! Falência total dos bem pensantes! (Garcia solta-o no chão)

JUAN-

(Ofegante) Pois então propõe. Quais são as ordens?

GARCIA-

Estão dadas. Estão do lado de fora, acontecendo. Você é surdo?

JUAN-

Essas ordens não foi você quem propôs. Distribuir panfletos e encher a cuca de fumo é muito diferente de puxar o gatilho. (Pausa)

GARCIA-

Não tenho nada pra propor.

JUAN-

Tanto ódio pra isso? Pra nada?

GARCIA-

Eu sou o que? Um drogado de botequim, covarde, sem força, sem virtude, sem compromisso... Ninguém espera nada de nós. Vocês mentiram com ideais que vocês traíram e nós, com ideais que não temos. Como vocês, somos corrompidos e estamos apodrecendo. Como vocês somos oportunistas, falsos rebeldes e impostores, sobretudo impostores. Como vocês, somos vaidosos, somos atores, somos corrompidos. Não esperem nada de nós. Debaixo dessas caras de anjo desprotegidos, está a fotografia disso que ninguém tem coragem de ver: o que sobrou da vida pra nós foi a Decadência, a representação pela representação, esta miséria cotidiana, esse equívoco, esse limite, essa América inútil fantasma, essa submissão, essa santidade feita de artifícios, e essas festas estragadas e ruidosas, que vamos reiventar até o vômito!

JUAN-

(Para Nina) Está vendo quem é a tua gente nova? São eles que vão ocupar o poder? São eles que vão dar ordens pra nós?

GARCIA-

(Para Nina) Eu só quiz... Eu só desejei... Sentir tesão por você. Uma vez na vida, que fosse! (Nina se abraça a Juan. Páusa. Garcia caminha para a porta da saída e se volta pra eles)

GARCIA-

Você ganhou a noite Juan. Até outro dia.

NINA-

(Convicta) Até amanhã. Agora você vai ter que continuar! O Jogo agora tem que ir até o fim! Agora sou eu que exijo.  
 (Pausa)

GARCIA-

A Revolução não vai me curar...

NINA-

Não me interessa! Lute! Você desafiou, aguenta a parada!

GARCIA-

(Saindo) A Revolução não vai me curar dessa doença. Eu estou perdido dentro da América e a Revolução não vai me curar. (Desgastados, Juan e Nina tentam se reencontrar através do amor)

JUAN-

Nina, eu tenho medo...

NINA-

(Corre a boca dele com a mão) Vem... (Pausa. A voz de Nina, de fora, durante o desenvolvimento da cena. É uma referência ao amor erótico que ela sentiu por ele, em outra época)

NINA-

(Apenas a voz) Me ama Juan: Eu quero ser decipada por você, pelo seu corpo, pela sua proteção, pelo seu espírito, pelo seu mistério, pelo seu sangue... Me ama, Juan! Quero

NINA-

que você me ame e fique eternamente me amando, dentro de mim com sua carne, com seu amor, eternamente, infinitamente dentro de mim, me envolvendo, me consumindo, me revelando como uma tarde dentro do elevador, no verão, voltando da praia, e nós não conseguindo esperar o elevador acabar de subir, e você me abraçou e eu te abracei, e quanto mais eu me entregava mais nascia o meu desejo, e mais sobrava só o desejo e mais eu te queria sem palavras, sem pensamentos, a vida inteira resumida só no desejo da tua boca dizendo o meu nome, da tua mão conduzindo a minha mão, do teu corpo revelando o meu corpo, como se o mundo fosse pela primeira vez. Você, meu ponto de referência dentro dessa cidade.

SÉTIMO QUADRO

Sons de Atabaque, agoramentos, interrompem o amor de Nina e Juan. A luz acende o rosto torturado de Nina. No quarto de vestir, no dia seguinte, ela está diante de suas roupas e maquiagens. Há nisso tudo uma desolação. Nina acabou de levantar-se. É uma sexta-feira de tarde. Nina está desarrumada. Após algum tempo surge Mariana)

MARIANA-

(Com jornais na mão) (Nina olha para a manchete que Mariana lhe mostra, sem fazer qualquer gesto) Caiu todo mundo. O meu grupo inteiro! Justamente hoje, o dia do hospital. (Nota que ela está distante)

NINA-

Tive um sonho essa noite... O mesmo sonho da semana inteira... A negra morta! A negra morta tentando arrebentar o vidro, do lado de fora, sem conseguir, enquanto eu morria asfixiada do lado de dentro, sem ar e sem força... (Ela se enxuga com as mãos. Está suada)

MARIANA-

Você me empresta o carro?

NINA-

Me sinto representando um papel diferente... Pensando bem, eu nasci medíocre. Eu não precisava ter ido mais longe. Ele matou a minha mediocridade e, junto com ela, a minha fé.

MARIANA-

Tá ficando tarde, Nina. Faz quatro horas que eu acordei, me arrumei, sem saber o que que eu faço. Acho que basta o carro, se você...

NINA-

Calma... As coisas se arrumam...

MARIANA-

Ele precisa de mim! Eu fui a única que sobrou! Não tem mais ninguém do grupo! (Nina está mortalmente ferida. Ela percorre as coisas como que pela última vez)

- NINA- Sempre que eu abro a janela do quarto, ele acorda, com a luz e o barulho que vêm do lado de fora. É um código que nós adotamos. Hoje eu abri a janela e ele continuou dormindo. E eu não escutei barulho nenhum... A rua tava fumacenta, e fria, sem ruído, deserta, uma enorme nuvem cinzenta em cima do mar. Daí eu olhei pra cara dele, no sono, e aí eu... fiquei assistindo ele dormir. Quem é esse homem? Que cidade seria essa? Que rosto é esse tão familiar e que eu não consigo mais reconhecer? Isso tudo me pareceu ao mesmo tempo consumido e enigmático. (Ela se apóia em algum móvel)
- NINA- Santo Deus! Olha como eu estou suando! Abre essa janela! - Eu estou sem ar!
- MARIANA- (Abre a janela) Melhorou?
- NINA- Vaiver que é isso: não tem sol nem vento. Escolhe uma roupa pra mim.
- MARIANA- Você vai onde?
- NINA- Não temos que tirar o teu marido do hospital?
- MARIANA- Você.
- NINA- Alguém não tem que ir?
- MARIANA- (Mariana abraça-a e boija-a com alegria)
- MARIANA- Juro que eu tinha pensado nisso! Você é a pessoa certa! - Ninguém pode fazer melhor esse serviço! Que roupa você prefere?
- NINA- Não sei, vê aí... Eu quero, vê aí uma roupa clara, tem um vestido branco que eu ainda não usei, esse daí, me pega esse. (Mariana retira um vestido branco do guarda-roupa pendurado num cabide)
- MARIANA- Esse?
- NINA- Esse mesmo.
- MARIANA- Quer que eu te vista?
- NINA- (Ainda ausente) O que que acontece quando a gente chega a um ponto onde a gente já não quer mais nada, não deseja mais nada, e já não consegue sentir nem medo mais? (Ela se olha no espelho)
- NINA- Me faz uma massagem nas costas.
- MARIANA- (Masseageando) Assim?
- NINA- Assim. (Mariana faz-lhe uma massagem. Nina geme, de vez em quando)



Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

NINA-

Eu conheci ele na escola.

MARIANA-

O que?

NINA-

Tinha acabado de se formar. Vivía com um grupinho de lado, falando de filosofia, bebendo chope no bar, sempre com o mesmo terno surrado. No começo me desprezava. Me chamou várias vezes de ingênua e de alienada. Um dia eu apareci na casa da família dele, fingindo que precisava de ajuda pra um trabalho sobre Kant. Me recebeu muito mal. Era um apartamentozinho apertado, mal arrumado, com cheiro de solteiro. Um desconfio total. Eu gostei. Tinha uma desproteção meio infantil meio ascética. (para Mariana) Mais embaixo. Assim, Ah! (Ela geme) A primeira vez não deu certo, a segunda não deu certo. Só muitas semanas depois é que nós conseguimos. Na marra. Foi preciso ele me violentar. Quando ele terminou, eu empurrei ele pra fora da cama, com ódio, e disse que não me tocasse nunca mais! (Para Mariana) Você tem um filho, não tem?

MARIANA-

Uma filha.

NINA-

Eu abortei várias vezes... Ele bem que quiz, mas eu não deixei. Mas será que ia adiantar? Não sei... Me passa esse jornal. (Mariana obedece)

NINA-

(Divide o resto em dois com o jornal) Olha pro lado esquerdo. Tá vendo como eu estou marcada? Uma ruga aqui, e aqui, e aqui. Agora olha pro lado direito. Sentiu a diferença?

MARIANA-

O que que foi?

NINA-

Nada. Me passa a escova. (Mariana passa-lhe uma escova de cabelo e ela começa a se pentear)

NINA-

Marx... Rimbaud... Marilyn Monroe...

MARIANA-

Mais mensagem?

NINA-

Me acende um cigarro. (Mariana acende um cigarro e passa a ela) Eu não precisava ser exatamente uma mulher pra ele, e ele não precisava ser exatamente um homem pra mim. E ao mesmo tempo, sei lá... Você tem que idade?

MARIANA-

Vinte e cinco.

NINA-

Se eu tivesse a tua idade de nove, nunca, mas de jeito nenhum eu ia escolher Juan. Eu queria recomeçar, mas em truques. Nada de mitos. (Ela lambusa a cara com base para maquiagem e começa a distribuí-la pelo rosto)

NINA-

Você tem vinte e cinco anos e uma obstinação. O dia que a tua obstinação acabar, o que vai te sobrar? Uma luta contra fantasmas que vai te provar que você ainda está contra e só isso.

MARIANA-

(Que não se interessa pelo que ela diz ou sente, mas que apenas está se utilizando dela) Não sei...

NINA-

Você está me utilizando, meu amor. Eu sei disso. Não, não diz nada. Me ajuda tirar esse vestido. (Mariana ajuda-a a despir-se) O que Juan teve um dia, na época que eu o conheci, era uma indignação fora do comum, uma lucidez obcecada e um ideal invencível, selvagem. Uma coragem e uma vontade de lutar, que ele trocou por mim e pelo que eu podia dar pra ele, brincando, esbanjando. Eu comecei por brincadeira, como quem mostra um chocolate para uma criança pra ver a festa que ela vai fazer. Pois bem. Eu domestiquei Juan com um chocolate. (Nina se levanta, seminua. Abre os braços para Mariana enfiar-lhe o vestido branco. A cena "ritualística") Pobres idealistas ferozes! São bem capazes de trocar os matos ensanguentados deles por isso: essa religião pomposa e vazia! Onde é que estão os bárbaros desta civilização? Deixam vir os subordinados, deixam eles vir. Não há um só que aguente muito tempo. Uma picadinha só, um dia qualquer, por capricho, e pronto! Estão envenenados pelo resto da vida! São uns bichinhos atrevidos que gritam enquanto estão do lado de fora e que quando chegam equidentro, esperneiam mais um pouco, esperneiam, gritam, debocham, mas aí já é tarde demais! Existe um limite geral que não tepeia nunca pra morte não existe classe nem separação. Viver, pra mim, hoje, não passa de um desesparado ato estético. Mais nada. Os bárbaros se confundiram com a civilização e foram submetidos pela morte. O que sobrou foi essa luta suja, canalha, traiçoeira!

CORTALC

MARIANA-

É a nossa vez. A nossa única chance.

NINA-

A vez de quem?

MARIANA-

Do povo.

NINA-

Teus gatos pingados vão entrar pra História, mas mortos, minha querida. E anônimos. Vocês vão morrer um por um, mutilados como vocês já estão, diminuídos, prostituídos e sozinhos! O povo não quer saber de vocês! O povo quer rir e o sangue não faz rir nem diverte ninguém! O povo quer se divertir até quando der pé, até quando for possível! O po

MINA-

vo fomos nós que o inventamos. O povo-povo, o que está nas fábricas, o que está nos campos, o que está engavetado de baixo de nós, o que está espremido dentro dos ônibus, dentro dos vagões, o que continua dormindo pra esse nada feito de ruídos, feito de cores, feito de prazer, feito de elegância, feito de literatura - é horrível demais quando chega, é exigente demais, é objetivo demais. O povo-povo é isso! O lado de fora, a outra língua, o silêncio que a gente evita, que a gente escuta respirar de longe, estrebuchando do outro lado do vidro. Pra quem a gente grita quando -  
acorda: me traz o café, me traz o jornal, me traz o chinelo, me traz isso, me prepara a mesa, limpa o chão, limpa os cinzeiros, limpa as privadas. E daí o povo aplaude! Aplauda a nossa roupa, que ele mesmo lavou, que ele mesmo passou, aplauda o nosso cheiro, aplauda o nosso andar, aplauda o nosso andar, aplauda o nosso álcool, aplauda o nosso nome e nosso rico e exige: o povo exige a nossa futilidade, exige as nossas ordens, exige os nossos gritos, exige a nossa mão que levante e mata. Lanúria, separação e morte, esta marda, esta bosta, que aceita sempre que por doa sempre, que trai sempre, no gesto, no medo, na submissão que está enfiada dentro de todas as casas, sangrando em cima de todas as máquinas, dentro de todos os livros e de todas as bocas, infiltrada dentro da cultura, inventando a nossa beleza, a nossa religião o nosso ideal, esta coisa que faz rir que estimula e que diverte, é isso daqui a coisa nojenta de todas as escolas, de todas as igrejas e de todos os assassinatos! (Mina cai para um lado, vestida. Pausa. De repente uiva) Juan, eu te amei! Muito mais do que você mesmo soube! (Mariana afesta-a. Ela volta ao espelho para terminar a maquiagem. Garcia entra, com uma brгада de flores na mão, está bêbado. As duas olham com medo para ele)

GARCIA-

Dormi na rua, dá pra ver pela cara? Trouxe flores para vocês. (Ele se dirige a Mina e entrega uma parte das flores para ela)

GARCIA-

Parabéns.

MINA-

Parabéns por que?

GARCIA-

Lembrei que era teu aniversário.

MINA-

Não é meu aniversário.

- GARCIA- Então eu confundi as datas. Mas parabéns assim mesmo. (Ela olha as flores sem tocá-las)
- GARCIA- Não quer as minhas flores? Olha, lava todas. (Volta-se para Mariana) Eu fico te devendo.
- MINA- Você tá bêbado?
- GARCIA- Eu? Eu estou feliz. Passei na casa da minha família e encontrei o meu pai agonizando, na cama, a minha mãe desesperada por dinheiro, encontrei minha irmã desempregada, enfim, encontrei a paz e a felicidade. (Mina pega as flores com medo, entrega-as a Mariana)
- MINA- Sota num vaso, lá na sala. (Mariana sai)
- GARCIA- Quem me deu a grana foi um velho gordíssimo, horroroso, que me convidou pra dar umas voltas no Volks dele. Eu disse: "Estou duro, meu anjo, duríssimo". Daí ele parou o carro na praia, ficou olhando romanticamente o mar e fez o seguinte e terrível comentário: "O mar está em constante movimento". Diante disso eu aumentei categoricamente o meu prego.
- MINA- (Voltando à Maquiagem) Vou precisar de você.
- GARCIA- Pra que?
- MINA- Pra ir ao hospital comigo. Você fica no carro, enquanto eu subo.
- GARCIA- Faça, tá! Faça qualquer negócio hoje. O dia tá lindo, o sol tá glorioso.
- MINA- Você tá fedendo conhaque.
- GARCIA- É só pra disfarçar. Alcool faz mal pro fígado, meu amor. (Ela acaba de se arrumar)
- GARCIA- Você tá divina... Você é... transparente. Não sei se já te disseram, mas diante de você não existem condições para a vulgaridade. Sabe o que que eu mais gostei em você desde a época em que a gente tentou ter um filho? Os cabelos. Quem diz que ama os cabelos de uma mulher, não ama essa mulher, certo ou errado? Se algum dia eu tiver que deixar um depoimento sobre as minhas tentativas heterossexuais, vou ter que resumir assim: "Eu amei os cabelos de uma mulher chamada Mina, e perdi a parada para um pacifista que conseguiu ir mais longe que os cabelos." (Mariana entra com o vaso de flores)

MARIANA- Olha como estão lindas?

NINA- Não deixa ele sozinho, cuida dele...

MARIANA- Juan?

NINA- Ele gosta de café na cama, quando acorda; gosta de roupa - sempre bem cuidada; gosta de festa no aniversário dele. - (Garcia canta uma ária de ópera enquanto fuça no guarda-roupa de Nina)

NINA- Se você diz que vai fazer a festa, ele briga. Se você não faz, ele fica infeliz. Então faz.

MARIANA- Porque que você tá dizendo isso tudo?

NINA- Não sei, eu me lembrei.

MARIANA- Você tá se sentindo bem?

NINA- Não sei.

GARCIA- Se você morrer eu canto um réquiem em sua memória.

NINA- Não me fale em morrer!

GARCIA- Mas o que que você tem? Porque você tá tão... Jesus...

NINA- O que que tem na minha cara?

GARCIA- (Olha para Mariana, que lhe faz um sinal) Nada. Você tá ótima...

NINA- (Para Mariana) Eu estou bem assim?

MARIANA- Perfeita.

NINA- O trato é então até...

MARIANA- Até às cinco.

NINA- Outra coisa: quando prendem um de vocês, o que que os outros fazem? (Mariana não consegue responder. Nina compreende)

NINA- E se torturam? (Mariana permanece sem resposta) E se matam? (Diante do silêncio ela subitamente se recosta num canto, esfiziada) Não sei... Alguma coisa tá errada hoje! (Ela olha para o infinito angustiada) Deve ter havido algum engano... Não sei onde... Desde sempre.

GARCIA- (Em tom deliberadamente teatral) O tempo das considerações acabou! Agora é ação! (Atabaques, Garcia sai. Nina se detém pela última vez. Está mais dilacerada ainda, quase pedindo que lhe salvem)

NINA- (Num supremo e definitivo esforço) Tem outra coisa. Ele gosta de flores.

NINA- (Ela finalmente encontra um motivo para o vaso que está na sua frente, contempla quase com horror essas flores e entrega-as a Mariana) Leva essas pra ele!

QUINTA CENA

Juan está se barbeando. Ele sabe que Nina saiu sem se despedir dele. Observa Mariana pelo fundo. Em silêncio. Há uma certa ternura nessa aproximação, um misto de interesse e dúvida. Mariana não o nota. Ela está acompanhando a aventura de Nina e Garcia, lá fora. Reza diante da vela acesa.

JUAN- Alguma sessão de macumba? (Ela se assusta e apaga a vela com um certo embaraço) Cadê Nina?

MARIANA- Ela foi.

JUAN- Por que não falou comigo? (Pausa)

MARIANA- Não vai ter perigo nenhum, a menos que...

JUAN- A menos que a Joana D'arc faça milagres! (Pausa, ele se olha no espelho que traz consigo depois limpa o rosto com a toalhinha que tem no pescoço)

JUAN- (Sentando-se) Pra onde levam o homem?

MARIANA- Não sei.

JUAN- O que que você sabe?

MARIANA- Ele é contato, deve ter lugar.

JUAN- Mas pra te encontrar vai ter que dar as caras aqui?

MARIANA- Eu não sei... você não leu os jornais? Eu não sei como vai ser.

JUAN- Isso aqui vai acabar virando aparelho! Daqui a pouco vão me eleger o chefe da organização! Eu tenho os meus problemas particulares, você não sabe?

MARIANA- Sei.

JUAN- Pois é. Sem contar que já fui preso oito vezes pra prestar declarações. (Juan se olha novamente no espelho)

MARIANA- Foi ela quem se ofereceu.

JUAN- Pra bancar a maravilhosas! O processo revolucionário exige politização do povo: Politização, não violência! (Ela caminha para a janela e fica olhando para fora, numa atitude de indiferença a ele. Juan brinca com a navalha na mão)

MARIANA- (Voltando-se) Eu vou descer.

- JUAN- Pra que?
- MARIANA- Vou esperar lá fora.
- JUAN- Como: você empurra as pessoas no abismo e tira o corpo fo-  
ra? Não mocinha, aguenta o galho agora. Vamos suicidar, -  
mas todo mundo junto!
- MARIANA- Não quero te envolver.
- JUAN- Agora já é tarde demais pra vir me dizer isso.
- MARIANA- Você não tem nada com a estória.
- JUAN- Como não tenho? A minha mulher sai por aí, gloriosa, fazen-  
do da pele tamborim, e eu não tenho nada com a estória? -  
(Pausa)
- MARIANA- Parece cretino isso que eu vou te dizer, mas eu tenho pena  
de vocês...
- JUAN- Na tua idade, essa convicção que você apresenta tem qual \_  
quer coisa de falso... (Juan toma uma atitude ao mesmo tem-  
po de curioso e cético)
- JUAN- Vamos esclarecer as coisas pelas causas. O que é que você  
quer? (Ela presta atenção) Você quer revolução. Pois bem.  
Eu também quero a revolução.
- MARIANA- E daí?
- JUAN- O mundo inteiro quer a revolução. Mas a revolução é uma -  
coisa vaga, uma coisa... sem contornos... uma coisa abstra-  
ta, que cabe na boca de qualquer pessoa, dependendo do pon-  
to de vista de cada um. Tá com medo, garotinha?
- MARIANA- Medo? Medo de que?
- JUAN- Acende a vela, eu até que acho poético. Acende a vela.  
(Mariana olha-o com hostilidade)
- MARIANA- A revolução tá sangrando: está em tudo, saindo de dentro de  
tudo, querendo nascer custe o preço que custar. E quem qui-  
zer se salvar sozinho, vai acabar sozinho. (Pausa. Juan fi-  
ca sério)
- JUAN- (Quase como um solilóquio) Durante dois milênio, mocinha..  
escuta o que eu estou dizendo... Durante dois milênios o e-  
ser humano acreditou em Deus, encontrou Deus, decifrou -  
Deus, matou em nome de Deus até que matou o próprio Deus,  
em nome da revolução. E depois que instaurou a revolução,  
pra não ficar sozinho - pra não ficar sozinho, me entendeu?

- JUAN- - depois que instaurou a revolução mata e mata e vai conti-  
nuar matando, em nome de uma coisa sem contornos, imagem e  
semelhança de Deus que sepultaram como um fantasma sem dei-  
xar merce, sem deixar desgosto! (Pausa. De si para si)
- JUAN- Com revolução ou sem revolução, a ordem é acabar sozinho.  
(Ele se volta para ela, lambucado de espuma)
- JUAN- Percebeu como o teu catolicismo tá gasto, mocinha?
- MARIANA- Não me chama de mocinha!
- JUAN- Eu tenho quarenta anos. Você tem quantos?
- MARIANA- Você com os seus quarenta, eu com os meus vinte e cinco, a  
te garanto que sou muito mais velha que vocês, muito mais  
velha que os teus dois milênios. Eu não tenho idade mais!  
(Juan se surpreende. A cenã deve ter o pesode um delírio.  
Mariana acende a vela de novo)
- MARIANA- Eu vou esperar até às cinco.
- JUAN- Porque até às cinco?
- MARIANA- Foi o combinado.
- JUAN- E se não voltarem até às cinco.
- MARIANA- Não sei... (Pausa)
- JUAN- (Olhando para fora) O Mar hoje está calmo. Tem muita gen-  
te na praia. E uma nuvenzinha branca em cima da cidade...  
O verão começou de novo. (Mariana está em silêncio quase  
rezando)
- JUAN- Só, por acaso. Ele, o teu marido, se por acaso ele não a-  
parecer, o que que acontece? (Silêncio dela)
- JUAN- Você gosta dele?
- MARIANA- Não sei nem o nome que ele tem mais...
- JUAN- E se ele morrer. (Silêncio dela) Se ele morrer, não tem  
importância nenhuma?
- MARIANA- (Se referindo ao que está acontecendo fora) As coisas não  
estão bem. (Ela segura a vela e coloca na janela)
- MARIANA- Você se incomoda se eu guardar essa navalha?  
(Ela ri e guarda a navalha. Limpa o rosto que ela não bar-  
beou)
- JUAN- Você e o teu marido. Ele significa o que pra você?
- MARIANA- Desquitamos.
- JUAN- Foi você ou foi ele?



- MARIANA- Nós dois.
- JUAN- Me desculpa, mas não é lógico. Alguém deve ter tomado a iniciativa.
- MARIANA- Foi ele.
- JUAN- Agora se entende. (pausa) Quer dizer que você continua gostando dela ainda, mas ele... não quer mais nada com você.
- MARIANA- Desquitamos pra um não entregar o outro.
- JUAN- Como assim?
- MARIANA- Nos interrogatórios, sabe como é... Pra evitar suspeita.
- JUAN- Você tá sozinha tal com o teu ideal, com a tua violência, com a tua solidão.
- MARIANA- A causa é maior. É a causa que conta.
- JUAN- E você tá lutando em nome da causa ou em nome do teu amor particular?
- MARIANA- Em nome dos dois. Em nome de tudo!
- JUAN- Você sabe que vai morrer?  
 (Nesse instante a vela se apaga. Mariana, assustada, pega-a com as duas mãos)
- MARIANA- Apagou...
- JUAN- Foi o vento. (Pausa)
- MARIANA- Engraçado... Ele parecia uma criança, no começo... ele assistia todos os filmes, todos! Não perdia nenhum, tava informado de tudo, acompanhava tudo. Entulhava o nosso apartamento de cartazes e de fotografias... E adorava música. A gente vivia ouvindo música, de dia e de noite. Na cama - ele se encolhia dentro de mim, como um garotinho sem falar nada, acuado, quase tremendo, e eu pensava, enquanto passava a mão nos cabelos dele: "Ninguém pode tocar nessa criança, ninguém". Eu achava impossível que alguém pudesse tocar a mão nele! (Pausa. Ele olha aflito o dia lá fora)
- MARIANA- Ele amava as praias de San Vicente... Amava ficar deitado no sol, desenhando na areia, onde um dia... onde a gente só quis viver, só isso... Como todo mundo...
- JUAN- Você se esquece que a tua criança impede os outros de viver. Os outros também têm os motivos deles! Criminosos ou não, qualquer motivo é motivo! Viver é equivalente. Depende só da posição onde você se coloque. Eu não estou aqui pra ga

Teatro de Arena  
 Av. Borges de Medeiros, 835  
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

JUAN- nhar um raciocínio: estou aqui pra ganhar esta luta!

JUAN- (Num tom de delírio) Que luta? Hein? Que luta?

MARIANA- (Acossada) Será possível que não tem ninguém junto contigo? Vocês só podem estar loucos.

JUAN- Não será você quem está sozinha? Quem é que te garante? -  
(Pausa) Você viu a rua lá fora? Tem sol, ainda agora. As pessoas andam queimadas, de um lado pro outro... O céu está limpo, só tem uma nuvenzinha branca em cima de San Vicente... Você pode ouvir risos, se você prestar atenção... Olha as cores de San Vicente! Olha a luz na praia! (A cena se ilumina de um lado, entram ruídos distantes, de vozes despreocupadas, risos e músicas)

JUAN- O que que te dá a certeza.

MARIANA- (Quase soletando) Isto: a roupa que eu visto...

JUAN- Não quer dizer nada!

MARIANA- Eu não tenho mais o meu nome!

JUAN- Que importância tem o teu nome pra uma cidade bêbada de verão?

MARIANA- Eu larguei minha filha, eu larguei minha casa, larguei meu emprego, larguei minha família...

JUAN- Isso tudo é p que os poetas fazem por Romantismo.

MARIANA- Eu não tive outra chance na vida!

JUAN- Pois eu tive as mesmas que você teve, quer dizer, nenhuma! Cite um motivo palpável! Cite um que justifique a tua luta! (Ela não consegue dizer nada, os ruídos do verão irrompem na cena. Mariana de repente sorri, com uma espécie de amor desencantado)

MARIANA- Eu bem que tentei viver... Foi só o que eu tentei, como - todo mundo. Eu comecei estudar, mas aí eu via aquela gente toda se culpando de estar na escola, e eu mesma me perguntava: "Estudar pra que? Pra fazer o que com isso? Pra saber o que eu já sei por conta própria?" é isso... Eu queria ter filhos. Eu adoro crianças... eu queria ter a minha casa - cheia de crianças... Mas em que condições? Eu me formei - nesse ventre enfumaçado de San Vicente, onde a única chance que conseguiram dar pra nós foi esta: "Se virem" (Os ruídos do verão desaparecem subitamente) é isso. "Se virem" Quando eu tinha dezesseis anos eu trabalhei numa fábrica de estofados. Era um frio que a gente não aguentava.

MARIANA-

Trabalhava sábado, trabalhava domingo, desfiando algodão, enchendo os pulmões de pó até quase morrer asfixiada. Eu chegava em casa de noite, me olhava no espelho, via meus cabelos enrolados de fio de algodão, eu tentava me reconhecer nesse espelho, eu tentava saber porque, e não tinha resposta nenhuma: "Se virem": foi o grito que eu ouvi sempre, quando quis alguma resposta. Um dia uma colega de fábrica desmaiou lá dentro e arrastaram ela pra fora, pra tomar um pouco de ar. Daí, quando se levantou, abobalhada e perplexa, o patrão disse o seguinte: "Vai pra zona, minha filha. Lá você ganha muito mais". As outras meninas quase morreram de rir. Depois veio a fase dos recortezinhos de jornais na mão. Enfrentando filas e mais filas pra teste, brigando por uma vaga, aquelas mocinhas cafonas me olhando com ódio, todas te olhando com ódio, enquanto esperavam a vez, e a única resposta que eu podia ter disso tudo: "Se virem". Até que chegou um dia eu perdi o medo e eu mesma disse: "Acabou ponto final: acabou a segurança, acabou o respeito, acabou a graça, acabou" e se virem vocês, seus comerciantes filhos da puta, seus assassinos, seus traficantes de leis! Dure o tempo que durar nós vamos arrancar, uma por uma, todas as mentiras dessa cidade. Pela raiz, custe o sangue que custar, essa cidade tem que ser lavada, tem que ser virada do avesso, tem que cair! Violência? O que é que você sabe sobre a violência? Você não sabe nada sobre a violência! Manchetes de jornais não contam! Está tudo bem, está tudo em ordem. Vocês estão garantidos. Pois continuem. É muito mais simples pra vocês tapear com o futuro. Pois fiquem com o futuro, futuro não enche barriga, eu quero é me lambuscar, e mais, e cada vez mais com o presente. Eu quero respirar o ar deste mundo é já: os meus pulmões não sabem esperar! Amanhã já é estória. Amanhã já é metafísica.

JUAN-

O primeiro dever do revolucionário é continuar vivo?

MARIANA-

(Se adianta) No dia que levaram ele embora, por coincidência eu não estava em casa. Daí chegaram uns dez, com metralhadoras apontando na cara dele. Ele tava dormindo na nossa cama. Catararam ele e levaram embora. Quando eu ia chegar do perto do prédio, na esquina, eu vi os carros. Eu tinha mandado benzer um cordão pra ele usar no pescoço. Dizem que dá sorte. Se eu pudesse, se eu conseguisse, eu teria jogado o cordão lá dentro. E que ele se enrolasse até não se

MARINHA-

bror mais vida. "Monatem! Ma matem!" Ele saiu gritando do prédio, arrastado, pra um grupo de gente assustada e indiferente, na rua, e nas janelas dos edifícios. E uns minutos depois o trânsito já está em ordem, e nas janelas já não tem ninguém. A em lugar nenhum existe qualquer espécie de notícia. É preciso fugir enquanto é possível, esquecer pra continuar, pra não morrer. Mudar a cara, mudar o nome, mudar a cor, mudar o sentimento e fazer desaparecer dentro de mim qualquer coisa que ainda lembre o rosto verdadeiro dele, o calor dele, e o nosso amor cortado com armas. O que é que você sabe sobre a violência? Pra onde é que eu vou se em qualquer lugar dessa cidade o inimigo pode cair de surpresa, como se fosse invisível? Quantos braços eu tenho pra segurar armas e quantos vides cabem dentro de mim pra substituir as que caíram? Em algum lugar desta cidade, alguém representa com o próprio sangue o espetáculo que todos estão impedidos de ver. O que é que vocês sabem da violência? Vocês que são contra o mal e praticam cotidianamente o mal? Nós não somos gente? Nós somos um bando de animais selvagens, banhados de mar e sol, e prontos pra carnificina! Esse não é mais o homem que eu conheci, que me ensinou as coisas e escreveu poemas pra mim. Essa cadáver vivo, seco e sem cor, que não consegue mais nem gritar, nem gomer nem ter medo, nem apontar as pessoas, isso é uma outra coisa, que já não tem mais nada que ver com o menino que gritava contra o mal. Onde está a criança que dormiu comigo, me abraçando acuada, tentando se enfiar dentro do meu ventre... de noite? Futuro se inventa velho: San Vicente já foi sol, já foi mar, já foi festa, faz muito tempo que isso passou. Isso tá que é um matadouro, com um sol feio e indiferente em cima das nossas cabeças. Que cidade é essa que acorda todo dia com esses carros andando, trânsito livre, sem uma gota de sangue na rua, como se nada tivesse acontecido de noite? Esperavam ele dormir, vinha alguém e gritava o nome dele alto. Ele se levantava, assustado e tremendo e a ordem era essa: "Identidade" De meia em meia hora o grito no ouvido: "Identidade" Uma saleta escura nos fundos, uma venda preta nos olhos e mais um passo através do horror do sangue, dos ossos e da asfixia. "IDENTIDADE" Identidade! Identidade! - Mas que identidade nós ainda podemos ter? - Ele diz. Que nome é o meu nome e qual das minhas caras vai me derrubar mais depressa? Qual da minha vida vai fazer cair todas as outras que estão dentro de mim, sem nome? Em qual desses janelas abertas, em

MARIANA-

qual dessas viadutos, ou se qual dessas balas o caminho vai ser fechado? O que é que você sabe sobre a violência? É - muito mais simples esperar a História, porque até lá estamos todos mortos! - Eu bem queria estar delirando, porque é daqui da carne que eu falo! Eu trago sangue, asfalto, - carga elétrica, chutes me jogando pra fora do meu sono, me jogando pra fora da minha ternura, e esta guerra agora tem que ser real. Alguma coisa tem que estar sendo conquistada, com esse rumor do lado de fora de San Vicente! Fora dessas paredes e dessas livros, junto com esse sol que grita em - cima dos nossos olhos, alguma coisa tem que estar sendo inventada como liberdade! Eu nasci e fui criada no terror - dessa cidade, antes de abrir os olhos pra ver! E comendo o medo por cima do medo, do panfletos à primeira cocotada, de Deus até o sangue, do botequim até o crime, comendo a própria violência com os dentes, comendo a dor, comendo o orgulho, comendo as esperanças, engolindo uma mentira atrás de outra mentira. Eu não estou mentindo pra ninguém, eu estou falando de que nasceu de meu corpo. Você não sabe nada sobre a violência! E se você quer a paz antes do tempo - certo, então dê um tiro na cabeça.

GARCIA-

Juan: levaram Nina! (Garcia corre até eles) Temos que fugir imediatamente!

JUAN-

Pra onde levaram ele?

GARCIA:

Não sei.

MARIANA-

E ele? (Pausa) O que aconteceu com ele?

GARCIA-

Morreu. (Ela cobre o rosto, com horror)

JUAN-

Você tá mentindo! Como é que você escapou?

GARCIA-

Eu fiquei entalado dentro do carro. Olha aqui a bolsa dela com os documentos.

JUAN-

Eu sabia! Eu sabia que isso ia acabar mal! (Ele tira a roupa)

GARCIA-

Não temos muito tempo. Daqui a pouco batem aqui.

JUAN-

Eu vou lá! Eu descubro onde é! (Garcia segura-o)

GARCIA-

Não dá pra fazer nada.

JUAN-

Ela é inocente, vocês sabem disso!

GARCIA-

Não adianta, velho, fica calmo porque ela agora tá sozinha, e não adianta mais.

JUAN-

Ninguém vai tocar nela! Vão ter que me metralhar se quiserem

JUAN-

rem botar a mão nela. (Mariana segura-o por um lado. Garcia pelo outro, Juan tentando saltar-se deles)

MARIANA-

Calma Professor... O primeiro dever de um revolucionário é continuar vivo.

JUAN-

(Gritando) Eu sou contra a violência! Eu sou contra a violência!

NONA CENA

A IDEOLOGIA ESQUECIDA DE EL SALVADOR

Continuação da cena anterior. Juan que havia retirado o seu robe, para se vestir e ir até, subitamente recobra a lucidez perdida por um momento, uma lucidez trágica e desesperada, ele se enrola no robe e desce até o público.

JUAN-

Vocês são suicidas ou são farsantes! O que é que vocês sabem: palavras na boca, armas na mão e uma idéia imprécisa nas cabeças. Mas a certeza. Onde é que está escondida a certeza? (As luzes do teatro acendem-se. Juan evoca sua fé perdida. Ele agora está efetivamente mutilado pelo esquecimento)

JUAN-

Uma tarde eu saí de um lugar chamado El Salvador. Dentro de um ônibus e eu lembro. Eu lembro que o céu estava escuro. Ia chover. Ia cair uma dessas chuvas de verão forte. Eu lembro que existiam figuras magras, plantadas de um lado e de outro, na estrada... Eu lembro que, de repente, sem eu saber exatamente porque, corrinho no meu lugar de ônibus em movimento na estrada, eu de repente estava chorando de espanto. Eu me lembro desse espanto. Mas... mas onde está agora esse esquema secreto, esse esquema suficiente da vida, rompido, sem dor, sem necessidade, sem repercussão? Como vocês, eu souro das mesmas impossibilidades, das mesmas texturas. Como vocês, eu me submeti, eu me ajoelhei e eles que venceram. O grande sonho da minha juventude, a América que eu vi do lado de fora, esperando a chuva... esse branco traído de cores, de verão e esperança... minha mãe plantava a terra, eu disse. Eu nasci no campo, eu disse. (Pausa) A América está certa demais, vista de longe. Andada por esses livros, por essas músicas, por esses quartos e por esse sangue, onde está o elo dessa cadeia interrompida? onde está situada em nós a realidade desse continuamente convulsionado, que prepara seu vôo pro futuro?

GARCIA-

Reviconista!

- JUAN- Mas eu pergunto: não há nessa desordem uma mistificação -  
muito mais terrível, uma luta pelo poder, pura e simples,  
mistificada em História, mistificada em povo?
- GARCIA- Reformista!
- JUAN- Não estamos nós todos vivendo uma terrível mentira, uma -  
criação alucinatória, frágil como um sonho e que um sim-  
ples ruído pode despertar o quotidiano, isso aí que é se-  
ca e feio e igual e repetitivo? Não será que só a violên-  
cia surda, essa violência inominável que apagou El Salva-  
dor dentro de mim, pra sempre, acenando dentro de mim no  
ônibus, uma tarde, não será que essa violência maior de  
todas é que sobra sozinha, no final de tudo, pra não con-  
duzir a nada, a lugar nenhum?
- GARCIA- Metafísico decadente! O fogo já cresceu o suficiente e -  
já previu que queima!
- JUAN- Ficou proibido perguntar isso hoje! Esta inquisição que -  
nós mesmos armamos acendeu todas as fogueiras de uma só -  
vez pra quem pretender ultrapassar o último disfarce e co-  
locar em jogo o que está por baixo dessas máscaras!
- GARCIA- Teatro não é nada disso! É que que os colonistas sociais -  
vão pensar de nós.
- JUAN- Ficou proibido perguntar pra que serve viver e pra que que  
serve morrer e porque nenhum homem pode morrer sozinho e -  
tendo que morrer sozinho! Ninguém tem mais o dever de a-  
creditar quando falamos "O Povo"! É uma tapeação, é uma -  
impostura! Desde o começo: somos nós que estamos em ques-  
tão! (Ação volta subitamente ao palco) Vão-se embora -  
daqui! Vocês estão perdendo tempo.
- GARCIA- Isso é que não! Você não vai salvar a tua pele a vida in-  
teira, Juan!
- JUAN- Eu não tenho nada contra mim.
- GARCIA- Tem. As tuas convicções. Os teus ideais. (Pausa) Você -  
acredita ou não acredita?
- JUAN- Nada no mundo justifica o derrubamento de sangue!
- GARCIA- Todo mundo tá na mesma jogada. E se você acredita, você -  
conta também fisicamente! Até com a tua barba! Você saiu a  
rua, saiu ou não saiu? Você ensinou, você pregou, Você es-  
creveu em jornais, em revistas, você publicou livros, você  
movimentou estudantes, você se fez às custas disso tudo, "

GARCIA- Você criou compromissos. Nós estamos aqui agora, na tua -  
frente. E que que você diz? Você vai nos mandar embora, so-  
zinhos, assim sem mais nem menos? Como? De que jeito?  
(Pausa)

JUAN- E que que vocês querem ainda de mim?

GARCIA- Uma definição. Diz pra nós: eu fali. Eu enterrei a minha -  
carreira.

JUAN- Eu acredito no futuro!!!

GARCIA- Sem jogo político, Juan! Diz pra nós, diz: eu brochei, eu  
sou um intelectual de esquerda falido e consumido! (Maria  
na intervém)

Teatro de Arena  
Av. Bargas de Medeiros, 835  
Fone: 224.0242 - CEP 90020-025

MARIANA- Eu vou.

GARCIA- Espera mais um pouco.

MARIANA- Não posso ficar aqui nem mais um minuto.

GARCIA- Só falta o xeque-mate.

MARIANA- Eu vou sozinha então.

GARCIA- Se não derem sinal de vida agora é porque Nina eu morreu,-  
ou resolveu fazer resistência até o fim. (Ao ouvir o nome  
de Nina, Juan se joga, desesperado, contra a parede, os  
dois olham para ele)

JUAN- Isso é um pesadelo! Nós estamos vivendo um pesadelo que não  
vai acabar mais!

MARIANA- Se você quiser se encontrar comigo, eu estou lá. No lugar  
de sempre. (Ela sai sem se despedir de Juan)

JUAN- É criminoso questionar? É criminoso ter dúvidas?

GARCIA- Não amor. É que, em situações assim, é comum a gente ver as  
mesmas pessoas que gritaram, antes, comprar passagens aé-  
reas pra estudar em Londres... em Paris... e darem o reca-  
do de lá. (Pausa) Não vai dizer que você também está pen-  
sando em fazer uma viagem pra defender tese ou coisa pare-  
cida!

JUAN- Eu não preguei a violência, eu preguei contra!

GARCIA- Não tem outra saída, em termos até de sobrevivência. Você  
sabe disso.

JUAN- Eu preguei a favor do homem, eu preguei a favor da vida!

GARCIA- A época dos grandes ideais acabou. A época dos grandes en-  
contros já foi engolida!



JUAN-

Eu preguei contra a ignorância, contra o fanatismo, contra a miséria, contra a opressão, contra a injustiça! (Garcia ri as gargalhadas) Eu preguei a liberdade!!! A paz é muito mais perigosa do que a guerra! Sem a violência vocês são tão nus!!!! (Garcia continua rindo)

JUAN-

(Silêncio) Faço votos que quando vierem me apenhar, desta vez, para os interrogatórios, me tratem com desprezo e com as gargalhadas que vocês me dão, pelo fato de ter acreditado na possibilidade de viver.

(Mariana aparece no lugar de sempre, na rua)

GARCIA-

A tua lucidez não vai te aquecer nunca, Juan. Justas ou não as tuas dévidas são criminosas para o momento! Saber das coisas não resolve nada! Entender o mundo não modifica o mundo! Em síntese: você é um homem morto!

CENA FINAL

Do lado de fora, nas ruas de San Vicente, no mesmo lugar que se encontraram antes (Cena 2) Mariana e Garcia estão exaustos, passada a euforia da luta. Pela primeira vez Mariana se coloca diante da derrota. Os dois estão em silêncio. A distância, como se não quisessem tocar no assunto, para não se machucarem. Mariana pinta o rosto, mirando-se num desses espelhinhos de bolsa. Garcia conterola baixinho, encostado na parede. Finalmente acende um cigarro e começa a fumar. Silêncio. Ela continua pintando o rosto - até que, desesperada, debruça-se sobre os joelhos e começa a chorar, lambusando-se com a maquiagem. Garcia não se move.

GARCIA-

Faz uma semana já que ele morreu. Era só o cadáver dele - que tava lá no hospital, esperando o dono. (Pausa. Ela - como que não houve o que Garcia está dizendo)

GARCIA-

Eu fiquei embaixo enquanto Nina subiu. Um médico veio e me mandou cair fora. (Pausa)

MARIANA-

Eu vou vingar a morte dele! Vou! De qualquer jeito! Vou descobrir os nomes dos que botaram a mão nele e vou matar um por um! Um por um, tá me ouvindo? Eu vou apagar um por um! (Pausa. Garcia contempla-a com uma espécie de piedade)

MARIANA-

Não é difícil. Eu arrumo dinheiro e pago gente pra isso. Vou começar ainda essa noite. E as famílias deles também.

- GARCIA- Fica assustada. Fuma. Fuma um cigarro. (Ela pega o cigarro de Garcia e fuma, nervosa)
- MARIANA- A única coisa que me sobrou dele foram os poemas que ele fez pra mim... (Ela tira uma papulzinhos de bolso e fica olhando) É o nome que ele escolheu antes de cair. (Pausa)
- GARCIA- E se ficar junto de você? (Pausa) A gente podia continuar, nós dois juntos. (Silêncio) Mariana, você tá me ouvindo? (Silêncio dela)
- GARCIA- A gente, sei lá... a gente dá um jeito de se... rearticular. (Ele compreende que ela substituiu a luta pela obsessão da vingança) (Silêncio)
- GARCIA- É, você tem razão: ele tem que ser vingado. (Mariana olha para ele)
- MARIANA- O que que você queria que eu fizesse? Eu tentei passar por cima disso, mas eu não posso! Eu não consigo! Ele tá dentro de mim, eu não posso substituir ele por nada por enquanto! Pode ser que daqui mais uns dias... Ah! que fosse, Garcia, que fosse! Você vê: estão me tirando tudo! Você viu como eu tentei, você sabe! Eu fiz tudo pra não perdê-lo, mas não adianta. Chega sempre uma hora que eu não posso fazer nada! Eu estou cansada de perder! Estou cansada de ficar adiando todo dia, de ficar amarrada dia e noite com essa vontade de derrubar todo mundo, ainda que seja pra derrubar só. Quando é que vão me deixar respirar? Eu queria a paz... Eu estou precisando da paz... Eu não nasci só pra ser traída... Eu estou farta! A violência me esgotou... A violência me tirou tudo o que eu mais amei na vida...
- GARCIA- Vai ser preciso um povo inteiro pra esquentar e acordar essa arma... E onde é que está esse povo? (Ela olha assustada para ele)
- MARIANA- Nós estamos criando condições.
- GARCIA- Que condições? Os pesadelos desta arma gelada só assaltam de madrugada, quando essa guerra fantasma atinge o limite da sua realidade... quando a história parece possível.
- MARIANA- A missão pro momento é deflagar. Não tente apressar as coisas.
- GARCIA- Você acredita nisso? (Silêncio dela) Numa hora como essa, só a gente como você; gente como eu, está acordada pra esse guerra pro resto não tem nenhum sentido.

GARCIA-

Pra grande maioria nós estamos falando uma outra língua, -  
que eles nem entendem e que talvez nem venham a entender -  
nunca. San Vicente está fria, alha aí; é um ronco coleti -  
vo... Avenidas desertas, botiquins fechados, despertadores  
marcados pro dia comum que vai nascer, indiferente, separa -  
do de nós. (Duve-se a gravação de uma partida de futebol.  
Ela se levanta)

MARIANA-

Eu vou embora.

GARCIA-

Nós perdemos: o povo tá contra nós e não é todo mundo que  
consegue suportar esse lado do avesso durante mais tempo .  
Amanhã vai continuar tudo estabelecido, tudo arrunado, sem  
sinal nenhum, com essa guerra subterrânea que não conqui -  
sta nem deixa marca. San Vicente está fria como qualquer -  
coisa nova que não tem História nem tem necessidade de ser  
História...

MARIANA-

Você tem algum dinheiro?

GARCIA-

Pra onde você vai?

MARIANA-

Procurar um contato.

GARCIA-

Vai sozinha?

MARIANA-

Pra onde eu te lavo?

GARCIA-

Quer dizer que você não precisa mais de mim?

MARIANA-

Não.

GARCIA-

Você vai me abandonar?

MARIANA-

Eu vou ficar fazendo o que do teu lado? Me diz.

GARCIA-

E pra onde eu vou?

MARIANA-

Volta pra casa dela.

GARCIA-

Não posso mais. Eu rompi com Juan.

MARIANA-

Não sei. Você é quem sabe de tua vida.

MARIANA-

Sinto muito, Garcia, mas eu joguei a minha família, eu jo -  
guei a minha filha, eu joguei todas as minhas garantias -  
você sabe disso. Eu não posso ficar de mãe a vida inteira.

GARCIA-

A com matos daqui tem a primeira luz. Te agarram na saída.

MARIANA-

Não seja ridículo. (Garcia segura-a)

GARCIA-

Fica...

MARIANA-

Eu vou ficar fazendo o que aqui? (Garcia beija-a)

GARCIA-

fica comigo... (Mariana afasta-o) é por causa dele.

MARIANA-

Vou te dizer uma coisa. (Pausa) Não é mais um jogo, Garcia. Eu não estou mais sentada num botequim junto com você rindo das pessoas. Eu decidi que o mundo não tem mais graça, que a habadeira não tem mais graça; que as tuas fantasias não tem mais graça. (Luz sobre o rosto de um e de outro)

MARIANA-

Eu decidi que cidade suja de sangue não tem graça nem pode ter, e que eu esgotei a minha possibilidade de rir. Você - me entendeu?

GARCIA-

(Afasta-se dela) Entendi.

MARIANA-

Pois é. Nós não temos nada que ver mais um com o outro. Eu não vou poder mais ficar te contando os meus planos, porque eu estou neutra.

GARCIA-

Eu sei, eu entendi.

MARIANA-

Esquaci o revólver. (Estende a mão)

GARCIA-

Ainda agora, segurando isso, só me senti dentro de um eno\_ me útero, cheio de livros por todos os lados, nefando nes\_ sas paredes de livros mal dirigidos, mas aceitos... tentan\_ do me vomitar desse ventre pra sempre!

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

MARIANA-

Quer me dar?

GARCIA-

San Vicente não tem nem pode ter esqueça! San Vicente é - uma possibilidade infinita de criação! Eu vou acordar essa cidade por conta própria.

MARIANA-

Garcia, me dá esse revólver!

(Garcia afasta-se dela com o revólver na mão)

GARCIA-

A História não existe! A História é um mito da ciência! - o que existe são os meus demônios! O que existe é a Bele\_ za selvagem que eles mataram! E que está presente dentro - de mim. (Garcia atira selvagememente para o alto. Silêncio. Garcia está atônito. Ela também. Silêncio)

MARIANA-

Viu só? Viu quem é a tua cidade zoncando?! Viu quem você - acordou?

GARCIA-

Não tem mais problema. (Apontando o revólver para ela) - Ninguém mais vai te botar a mão! Você tá salva.

MARIANA-

Tira isso da minha frente!

GARCIA-

Sabe, Mariana, eu estive pensando bem... Não tem outro je\_ ito. Quer me entender que não tem outro jeito?

MARIANA-

Você enlouqueceu?

GARCIA-

O povo não te quer, a lucidez não te quer, o cotidiano não te quer: você tá demais.

(Aponta com mais convicção. Ela avança. Ele atira de lado com prazer. Fúria e horror)

MARIANA-

Jesus!

GARCIA-

Eu estou falando sério. Meu amor, eu estava brincando com você. Nós vamos ficar juntos... você e eu. Nós vamos fazer tudo juntos, se você quiser... Eu só acredito na Beleza e a Beleza agora é o crime! Então eu quero o crime.

MARIANA-

Escuta, meu amor, vem cá, fica aqui junto comigo...

GARCIA-

Não me chama de "meu amor". Nós estamos trepando um com o outro.

MARIANA-

(Com segurança) Me entrega esse revólver imediatamente - Garcia!

GARCIA-

Não tem mais tempo, você não está ouvindo? Nós estamos correndo. Não sou eu quem está te matando, são eles! Eles é que são os seus assassinos! (Os sinais de guerra começam a crescer)

GARCIA-

Você ultrapassou o limite... Quem ultrapassa o limite tem que morrer... (Mariana tenta avançar para ele, ele atira novamente, sem atingi-la)

MARIANA-

(Se escondendo no chão) Justamente você... Você não pode impedir a tua derrota desse jeito!

GARCIA-

A derrota seria você continuar, com essa cidade indiferente do teu lado, pisando por cima do teu sangue.

MARIANA-

Abre os olhos e enxerga a merda que tá do nosso lado, sem poeta. Bota o pé na terra! Existem milhões de pessoas procurando um jeito de respirar, e sem poder! Acorda! (Pausa)

GARCIA-

Você sabe que eu estive do teu lado, desde que você entrou parã a briga. Eu estou aqui desse jeito por causa de você. Eu torci o tempo todo por você. Agora não dá mais pé ficar de braço cruzado, na base de espectador. Não dá. A única maneira de me libertar é te libertar primeiro.

MARIANA-

Eu não sou uma criação tua! Você é uma pessoa, eu sou outra.

GARCIA-

(Aponta a arma na direção do peito dela) Nós somos a mesma coisa. E você é o espelho vivo da minha covardia, da minha traição, da minha derrota. Você é insutentável. Ninguém!

GARCIA-

Ninguém pode te suportar mais! A mentira tem que prevalecer,  
e tem que proliferar mais, e mais, e cada vez mais e sempre  
até o nojo coletivo, até o estertor da náusea, quando a es-  
perança da alegria for possível! (Pausa) Eu tenho que -  
ir até o fim...

GARCIA-

Só assim é possível revelar quem são os verdadeiros crimi-  
noses dessa guerra secreta. Eu mato as minhas criações pra  
denunciar que eles estão assassinando o que está vivo, e -  
nos impedirem de tocar a vida.

MARIANA-

Assassinos! Assassinos!

(Garcia atira seca e friamente sobre o peito aberto de Ma-  
riana. Os mesmos sinais de guerra são agora delirantes. -  
Crescem e decrescem destruidamente. Há um outro silêncio  
para Garcia proferir com rancor, ressentimento e desânimo -  
to)

GARCIA-

EU SÓ QUERIA A BELEZA!  
(A Guerra continua)

Teatro de Arena

Av. Borges de Melo, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

- F I M -